

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
MESTRADO EM COMUNICAÇÃO**

Laís Lamas Meireles Fernandes

**Afetividade na comunicação de grupos e comunidades:
um estudo da rede digital Tear dos Sonhos**

Juiz de Fora
2022

Laís Lamas Meireles Fernandes

Afetividade na comunicação de grupos e comunidades:

um estudo da rede digital Tear dos Sonhos

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Área de concentração: Comunicação e Sociedade

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Christina Ferraz Musse

Juiz de Fora

2022

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

FERNANDES, Laís Lamas Meireles.

Afetividade na comunicação de grupos e comunidades : um estudo da rede digital Tear dos Sonhos / Laís Lamas Meireles FERNANDES. -- 2022.

100 p. : il.

Orientadora: Christina Ferraz MUSSE

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Comunicação Social. Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2022.

1. Comunicação de grupos e comunidades. 2. Afeto. 3. Afetividade. 4. Sentimento de comunidade. 5. Tear dos Sonhos. I. MUSSE, Christina Ferraz, orient. II. Título.

Laís Lamas Meireles Fernandes

AFETIVIDADE NA COMUNICAÇÃO DE GRUPOS E COMUNIDADES: um estudo da Rede Digital Tear dos Sonhos

Dissertação
apresentada ao
Programa de Pós-
graduação em
Comunicação
da Universidade
Federal de Juiz de
Fora como requisito
parcial à obtenção do
título de Mestra em
Comunicação. Área
de concentração:
Comunicação e
Sociedade

Aprovada em 12 de setembro de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Christina Ferraz Musse - Orientadora

Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Wedencley Alves Santana

Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Jairo Getúlio Ferreira

Universidade Federal de Santa Maria

Juiz de Fora, 24/08/2022.



Documento assinado eletronicamente por **Wedencley Alves Santana, Professor(a)**,



em 12/09/2022, às 18:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **JAIRO GETULIO FERREIRA, Usuário Externo**, em 05/10/2022, às 12:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Christina Ferraz Musse, Professor(a)**, em 21/10/2022, às 13:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Ufjf (www2.ufjf.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **0920031** e o código CRC **8EC13670**.

AGRADECIMENTOS

Poderia começar esses agradecimentos de muitas formas, mas inicio reconhecendo que fazer pesquisa no Brasil, sem financiamento, conciliando jornada de trabalho e maternidade não é uma empreitada fácil. Então, começo reconhecendo a mim mesma a força de prosseguir e por ter feito mágica com o meu tempo.

Sou grata ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora por ter sido, mesmo que em parte virtual, diante da pandemia de Covid-19, um espaço que me possibilitou tanto crescimento.

Professora Christina e professor Chico, agradeço muito a vocês pelo direcionamento, liberdade, sensibilidade e confiança. O apoio de vocês foi fundamental. Christina, grata pelo acolhimento e incentivo.

Agradeço a todas as professoras e professores do PPGCOM que me inspiraram e me deram substrato.

Aos meus colegas que com suas pesquisas e histórias me contagiaram. Diante da minha pequenês, agradeço por esse percurso em que é notável o meu crescimento, amadurecimento, transformação e aperfeiçoamento.

Agradeço à natureza que me alimenta.

Aos meus pais, pela graça da vida, por todos os aprendizados do caminho que vocês me concederam. Sou muito grata à avó Regina, por seu colo poderoso.

Eu reconheço a contribuição de vocês, tio Zé e tia Ana, pelo zelo com os meus estudos.

Às minhas primas mais velhas, Rachel e Larissa, que desde a infância incentivaram minha liberdade criativa e meu lado propositivo.

À Tamires pela irmandade.

Ao tio Hugo e a toda família, incluindo os que vieram antes.

À minha filha Nalu, que me faz ter mais brilho nos olhos diante da vida e que me ensina todo dia a ser uma pessoa melhor.

Ao meu companheiro Dário, por me fazer sentir/entender o amor e a parceria, pelo estímulo que me deu desde o dia que pensei em submeter o projeto de pesquisa e por me encorajar sempre.

À Tamara e a todas as minhas amigas e amigos por serem essa alegria na minha vida.

À Marisa, companhia de impulso.

Ao querido Ramsés, que me acompanhou no momento de fechamento deste trabalho, com suporte e companhia para que eu pudesse concluí-lo.

A todos os grupos, coletivos e comunidades onde estive e que despertaram a minha curiosidade.

Como é bonito ver que sozinha não chegaria aqui.

E para fechar, agradeço por finalizar esse trabalho com a vontade de continuar a pesquisar!

“Comunicar vai além da técnica e enfatiza valores e investimentos emocionais que ultrapassam amplamente a troca de signos ou de informações no sentido utilitário do termo. A comunicação é um laço social, uma relação emocional.” Michel Maffesoli

RESUMO

A pesquisa investiga a influência da afetividade na comunicação de grupos e de comunidades, e tem como objetivo verificar como este aspecto atua na sustentação destes agrupamentos. Diante da vivência em diferentes grupos, observou-se a fragilidade na continuidade ou desafios em sua condução. O estabelecimento da proposta de comunidade será utilizada na ferramenta Tear dos Sonhos, objeto escolhido para a observação de seus fenômenos, que tem como objetivo a realização de sonhos por meio do apoio coletivo entre pessoas. É um fenômeno recente, e registra-se no Brasil sua atuação a partir de 2016, cuja propagação ocorre através da oralidade entre as mulheres que participam para a formação de “mandalas” (pequenos grupos). A proposta é a vivência de um novo tipo de economia que se baseia na autogestão por quem participa, e possui o objetivo ousado de apoiar mulheres para a realização de seus sonhos através de presentes materializados por doação em dinheiro. O fato dessa ferramenta funcionar como um agrupamento digital, enquadrando-se diante da temática pesquisada para a realização do teste empírico durante a pandemia de Covid-19, ao longo do ano de 2020 e 2021. A partir desta percepção, levanta-se o papel da comunicação para a consistência e a manutenção destes arranjos coletivos. Por meio deste entendimento, a hipótese da pesquisa é que a presença da afetividade na comunicação pode ser um fator importante para a preservação e a continuidade dos grupos. Para isso, foi necessário gerar reflexões e ampliar significados em torno da definição do termo “afeto”. A metodologia utilizada é a “observação participante”, de Peruzzo (2016), pois tem-se o objetivo de participar ativamente do objeto analisado, enxergando as coisas de dentro, em conjunto com a “análise de conteúdo”, de Bardin (2011), para que se possa quantificar os dados coletados. Além disso, utilizaremos o suporte do significado de afeto, segundo a base teórica de Maffesoli (2014). Por ser um fenômeno não usual ou tradicional, a ferramenta digital chamou atenção e curiosidade, incluindo a possível relevância do estudo. Ancorada nas ideias de Bauman (2001), Castells (2003) e Felice (2014), a pesquisa tem como proposta refletir sobre o sentido de comunidade e de cooperação na atualidade. Em meio aos apelos individualistas, materiais, concorrenciais e ao grande volume informacional das tecnologias do mundo contemporâneo, observa-se o papel das conexões digitais em uma vertente de criação e de manutenção de vínculos sociais, possibilitando espaço para a formação de agrupamentos que carregam o sentimento comunitário. Enquanto resultado, entendeu-se que a afetividade na comunicação é um dos alicerces para a continuidade do grupo em questão, sendo verificada a presença do afeto em grande parte dos diálogos realizados.

Palavras-chave: Comunicação de grupos e comunidades. Afeto. Afetividade. Sentimento de comunidade. Tear dos Sonhos.

ABSTRACT

The main goal of this research is to investigate the influence of affectivity on the communication of groups and communities, and also to verify how this aspect acts in sustaining these groupings. In view of the experience in different groups, the fragility in the continuity or challenges in its conduction was observed. The establishment of the community proposal will be used in Tear dos Sonhos tool, an object chosen for the observation of its phenomena, which aims to achieve dreams through collective support between people. It is a recent phenomenon, and its performance is registered in Brazil from 2016, whose propagation occurs through orality among women who participate in the formation of “mandalas” (small groups). The proposal is to experience a new type of economy that is based on self-management by those who participate, and has the objective of supporting women to achieve their dreams through gifts materialized by donation in cash. The fact that this tool works as a digital grouping, was framed by the theme researched for the empirical test during the Covid-19 pandemic, throughout 2020 and 2021. From this perception, the role of communication for the consistency and maintenance of these collective arrangements is raised. Through this understanding, the research hypothesis is that the presence of affectivity in communication can be an important factor for the preservation and continuity of groups. For this, it was necessary to generate reflections and expand meanings around the definition of the term “affection”. The methodology used is the “participant observation”, by Peruzzo (2016), as it aims to actively participate in the analyzed object, seeing things from within, together with the “content analysis”, by Bardin (2011), so that the collected data can be quantified. In addition, we will use the support of the meaning of affection, according to the theoretical basis of Maffesoli (2014). Because it is an unusual or traditional phenomenon, the digital tool drew attention and curiosity, including the possible relevance of the study. Anchored on the ideas of Bauman (2001), Castells (2003) and Felice (2014), the research aims to reflect on the sense of community and cooperation today. In the midst of individualistic, material, competitive appeals and the large informational volume of technologies in the contemporary world, the role of digital connections in creating and maintaining social bonds is observed, allowing space for the formation of clusters that carry community sentiment. As a result, it was understood that affectivity in communication is one of the foundations for the continuity of the group, and the presence of affection was verified in most of the dialogues carried out.

Keywords: Communication of groups and communities. Affection. Affectivity. Feeling of community. Tear dos Sonhos.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 OS SENTIDOS DE COMUNIDADE, O MUNDO DIGITAL E A COMUNICAÇÃO	15
2.1 COMUNIDADES: BREVE DISCUSSÃO TEÓRICA	15
2.2 UM PANORAMA SOBRE A COMUNIDADE DESDE OS PRIMÓDIOS	17
2.3 DA MODERNIDADE À PÓS-MODERNIDADE: O IMPACTO NAS COMUNIDADES E A DIGITALIDADE	19
2.4 ESTRUTURAS COLETIVAS: INFLUÊNCIAS CONTEXTUAIS, COMUNICAÇÃO, ORGANIZAÇÃO E COLABORAÇÃO	25
2.5 COMUNICAÇÃO DE COMUNIDADES, COMUNICAÇÃO DE ORGANIZAÇÕES E PROCESSOS	28
2.6 COMUNICAÇÃO COLABORATIVA E FORMATOS COMUNICATIVOS	30
3 INTERPRETAÇÃO DE AFETIVIDADE SEGUNDO MAFFESOLI	32
3.1 DO EU PARA O COMUNITÁRIO E DO COMUNITÁRIO PARA O EU	32
3.2 SIGNIFICAÇÕES DE AFETO NAS RELAÇÕES GRUPAIS E A DIGITALIDADE ...	34
3.3 DECODIFICAÇÃO DE AFETO – INDICADORES INTERPRETADOS SEGUNDO A BASE TEÓRICA DE MAFFESOLI PARA A CATEGORIZAÇÃO NA METODOLOGIA ANÁLISE DE CONTEÚDO	37
4 A BUSCA POR COMUNIDADE NA REDE DIGITAL TEAR DOS SONHOS	50

4.1 APRESENTAÇÃO DA FERRAMENTA BASEADA NAS OBSERVAÇÕES E VIVÊNCIAS INTERNAS NO MOVIMENTO	50
4.2 EXPERIÊNCIAS NEGATIVAS, RELATOS NA INTERNET E PROCESSOS JUDICIAIS	54
4.3 ASPECTOS POSITIVOS E CONTRA-ARGUMENTOS DO MOVIMENTO	57
4.4 COLABORAÇÃO E ORGANIZAÇÕES CIRCULARES: EXEMPLOS REAIS PARA AMPLIAÇÃO DO ENTENDIMENTO	60
4.5 FORMATOS DE ORGANIZAÇÃO CIRCULAR	64
4.6 CONSIDERAÇÕES SOBRE OS EXEMPLOS DE COLABORAÇÃO E ORGANIZAÇÃO CIRCULAR	65
5 METODOLOGIA DE ANÁLISE: ARTICULAÇÃO ENTRE A OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE E A ANÁLISE DE CONTEÚDO	66
5.1 METODOLOGIAS UTILIZADAS E APOIO TEÓRICO NA SIGNIFICAÇÃO DE AFETIVIDADE	65
5.2 PESQUISA PARTICIPANTE E OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE	68
5.3 ANÁLISE DE CONTEÚDO	70
5.3.1 Análise temática categorial e quantitativa: organização da análise, codificação, categorização e dedução	71
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
REFERÊNCIAS	95

1 INTRODUÇÃO

Ao longo do processo de pesquisa no mestrado, desde o seu início, o que me atraiu foi a curiosidade pelo funcionamento e os desdobramentos de grupos e de comunidades. Por isso, a proposta desta dissertação é validar a influência da afetividade na comunicação desses agrupamentos, bem como verificar como este aspecto atua em sua sustentação.

Na observação de comunidades e de grupos que operam com as interferências da atualidade, fica evidente a fragilidade na conservação e na permanência dos mesmos, juntamente com os desafios que permeiam o seu funcionamento. Algo nessas estruturas despertaram minha curiosidade, já que parece haver algo misterioso ao enxergar o ajuntamento de pessoas diante das complexidades da atualidade. Certamente, esse eixo de interseção foi uma das motivações deste estudo.

Perceber a capacidade e o impacto que um grupo possui por conta da força coletiva e, em alguns casos, enxergar a sua atuação social e o fenômeno da relação de cooperação também trouxeram ânimo para o estudo. No campo profissional, na prestação de serviços na área da comunicação há 14 anos, ou em projetos independentes para grupos e comunidades, foi possível notar nitidamente, na grande maioria dos casos, um funcionamento lento, interrompido ou enigmático, no qual o grupo não conseguia autogerir de forma inteligente sua comunicação, ficando evidente a falta de processo ou de fundamento que facilitasse a concretização e a continuidade no intento que unia as pessoas envolvidas. Em muitos casos, foi notado que o grupo havia perdido o como fazer coletivamente, ou que possuía um resultado ou um fazer ineficaz diante da proposta estabelecida, evidenciado pela distorção de propósitos, falta de foco e descontinuidade.

Neste entendimento, levanta-se o papel da comunicação para a consistência dos grupos e das comunidades, pois entende-se a comunicação como identidade, linguagem, ferramenta, processo e relação. A partir da perspectiva da “sociologia da comunicação” (MAFFESOLI, 2014), percebe-se a comunicação como uma forma sensível da vida comum, indo das mídias às relações, responsável pelo entrelaço social. Essa perspectiva se apoia na literatura teórica da “afetividade” que, segundo Maffesoli, possibilitou gerar reflexões acerca do contexto de afeto e sua aplicação na comunicação.

Na visão do autor, a forma de tribalização altera-se e as relações se ressignificam no decorrer do tempo. É como se nesse período pós-moderno as tribos estivessem sendo resgatadas e valorizadas, porém, de uma forma diferente, onde se aposta mais na

interdependência do que na dependência, na qual o consentimento natural prevalece sobre o artificialismo contratual.

Essa pesquisa está em curso desde 2018, quando o projeto inicial de pesquisa foi submetido e aprovado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Durante o trajeto, cogitei vários objetos e me identifiquei a princípio com a pesquisa participante, proposta por Peruzzo (2016), principalmente pelo fato de gostar de participar ativamente e de enxergar as coisas de dentro. Foi quando me deparei com a chegada da pandemia de COVID-19, sendo necessário, portanto, fazer a escolha definitiva do objeto: o Tear dos Sonhos.

O Tear dos Sonhos se autodenomina como uma comunidade digital que tem como objetivo a realização de sonhos por meio do apoio coletivo entre pessoas. Registra-se no Brasil (SERPA, 2022) a atuação dessa comunidade a partir de 2016, cuja propagação ocorre através da oralidade entre as mulheres que participam para a formação de “mandalas” (pequenos grupos). A proposta é a vivência de um novo tipo de economia que se baseia na autogestão por quem participa da comunidade, e possui o objetivo ousado de apoiar mulheres para a realização de seus sonhos através de presentes materializados por doação em dinheiro.

O fato do Tear funcionar como um agrupamento digital e ser fenômeno não usual ou tradicional, chamou minha atenção. Diante do contexto pandêmico enquadrou-se na temática pesquisada, e por ser um objeto polêmico e recente considerei que o estudo pudesse ter relevância. No decorrer da pesquisa e da participação observante, entendi que a polemicidade tornava o processo científico ainda mais complexo e exigia um cuidado especial. Dessa maneira, não cabe a essa dissertação defender ou acusar o movimento, muito menos apontar o que é certo ou errado, ou qualquer investigação em torno da sua veracidade. A proposta do trabalho é focar no objeto para o estudo empírico, utilizando o recorte que o mesmo possui enquanto comunidade e, assim, testar a hipótese.

Na análise de conteúdo, recorreu-se à base teórica de Maffesoli (2014) na significação de afetividade para a categorização dos temas e, enfim, para construir os quadros de análise a validar as postagens do grupo na mídia social Telegram, durante esse período. No total, foram analisadas 272 postagens, assim categorizadas:

- a) Valorização ao momento presente
- b) Sentimento de Nós e pertença
- c) Inteireza do ser
- d) Consciência da interdependência das relações
- e) Prazer, Papel Cardeal e festividade

- f) Conexão com a natureza, instintividade e sensibilidade ecológica
- g) Razão sensível, intuição razoável e o pensar com o coração
- h) Participação mágica e mística, atmosfera energética, espiritual e artística
- i) Herança e histórias ancestrais, formas de organização arcaicas e tribais
- j) Outros

A última categoria é a única que representa a não-presença de afetividade segundo a significação estabelecida. Há uma análise dos dados apresentados e de cada temática como também a listagem de outras variáveis que interferem na continuidade da comunidade Tear dos Sonhos.

No primeiro capítulo será levantada uma breve discussão sobre o sentido de comunidade, o entendimento do contexto histórico, as transformações da percepção do termo, o impacto da internet, a digitalidade e as agregações contemporâneas. As reflexões sintetizam as estruturas comunicativas e seus processos, ou seja, a interseção da organização e da comunicação, retratando as influências contextuais das tecnologias de informação e de comunicação (TICs), aspectos culturais e econômicos. Aborda-se também a comunicação de comunidades, o conceito da comunicação comunitária, a comunicação organizacional, a comunicação colaborativa, a comunicação não violenta (CNV) e os primeiros ensaios do afeto no agir comunicativo.

Já no segundo capítulo aprofunda-se o entendimento das significações de afeto segundo a base teórica de Maffesoli (2014), ocorrendo a interpretação e a decodificação da afetividade em indicadores para a categorização de temas que será utilizada na metodologia de análise de conteúdo. Para o autor, a afetividade é o ato de sentir e de estar nas relações, sendo representada pelo sentimento, ou seja, a comunhão emocional. Maffesoli aborda o afeto como uma misteriosa alquimia que permite à sociedade passar a via seca da razão e atravessar para uma via úmida. De acordo com o autor, “paixões, sonhos, festas, jogos coletivos, não é isso que está em posição privilegiada?” (MAFFESOLI, 2014, p. 10).

O capítulo terceiro está reservado para a descrição do objeto da pesquisa, a comunidade Tear dos Sonhos, apresentando-se a ferramenta baseada nas observações e nas vivências internas no movimento, utilizando-se, igualmente, a narrativa contida na rede digital. Nesse momento da dissertação, relata-se brevemente as experiências negativas retiradas da internet e os aspectos positivos, contra argumentados pelo movimento. Levanta-se alguns modelos reais que seguem a lógica colaborativa, cujo objetivo é ampliar o entendimento da proposta do objeto de estudo e a capacidade crítica para a interpretação dos fenômenos.

O quarto capítulo articula uma interpretação entre as metodologias da observação participante (PERUZZO, 2016) e da análise de conteúdo (BARDIN, 2011). É importante ressaltar que estive como pesquisadora dentro do grupo Tear dos Sonhos na realização da observação, de forma *online*, no período de maio de 2020 a agosto de 2021, totalizando 15 meses.

Nesse momento, notei meu envolvimento emocional com a comunidade e, por isso, precisei interromper a participação no grupo e distanciar-me do objeto por alguns meses. O intuito foi reequilibrar as emoções para poder retornar ao grupo com uma postura neutra e racional para a conclusão da pesquisa. No momento da interrupção da observação foi necessário focar somente no entendimento e na interpretação da afetividade, como aponta Maffesoli (2014). Em seguida, retornei ao objeto para a realização do teste empírico, utilizando apenas o seu canal de comunicação interna oficial, o grupo na mídia social Telegram, denominado Biblioteca Nova Raiz de Luz. Como recorte de tempo, foi delimitado o período de um mês, ou seja, 30 dias de comunicação no grupo do Telegram para coletar dados e avaliar a presença da afetividade.

Ressalte-se que não cabe a essa dissertação trazer investigações sobre o que é certo ou errado, nem também defender ou acusar esse movimento com apontamentos do que procede ou não. A proposta desta pesquisa é focar no objeto de estudo, no recorte que o mesmo possui enquanto comunidade e na relação grupal, analisando os processos comunicacionais que sustentam esses agrupamentos circulares, com o objetivo de investigar a hipótese sobre a importância da afetividade na manutenção de grupos e de comunidades. O objeto, além de representar uma vivência em comunidade no meio digital, aplica na prática os processos colaborativos.

O foco é o estudo ativo e participativo, e não no que tange à polêmica da ferramenta, suas controvérsias e desdobramentos, mas sim nos aspectos comunitários e grupais representados nesse formato digital. Dessa forma, reforço o meu olhar científico e ético com essa pesquisa, deixando distante a minha posição pessoal e o interesse em defender ou acusar o movimento estudado.

2 OS SENTIDOS DE COMUNIDADE, O MUNDO DIGITAL E A COMUNICAÇÃO

Esse capítulo levanta uma breve discussão sobre o sentido de comunidade, o entendimento do contexto histórico, as transformações da percepção do termo, o impacto da internet, a digitalidade e as agregações contemporâneas. As reflexões sintetizam as estruturas comunicativas e seus processos, ou seja, a interseção da organização e da comunicação, retratando as influências contextuais das tecnologias de informação e de comunicação (TICs), aspectos culturais e econômicos. Aborda-se também a comunicação de comunidades, o conceito da comunicação comunitária, a comunicação organizacional, a comunicação colaborativa, a comunicação não violenta (CNV) e os primeiros ensaios do afeto no agir comunicativo.

2.1 COMUNIDADES: BREVE DISCUSSÃO TEÓRICA

Comunidade é um termo de significado amplo que pode ser entendido de diferentes formas. Em sua origem latina, a palavra significa *communitas*, companheirismo, de *communis*, comum, geral, compartilhado por muitos. Ao longo da história, o conceito de comunidade está sendo constantemente ressignificado e é discutido por diversos autores.

Para Bauman, a palavra comunidade pode carregar uma carga positiva, pois

As palavras têm significados: algumas delas, porém, guardam sensações. A palavra “comunidade” é uma dessas. Ela sugere uma coisa boa: o que quer que “comunidade” signifique, é bom “ter uma comunidade”, “estar numa comunidade”... Comunidade, sentimos, é sempre uma coisa boa... “Comunidade” produz uma sensação boa por causa dos significados que a palavra “comunidade” carrega. (BAUMAN, 2001, p. 7)

Somé (2009) traz ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar em comunidade. A comunidade, segundo ela, é o espírito, a luz guia da tribo, onde as pessoas se reúnem para realizar um objetivo específico, para ajudar os outros a realizarem seu propósito e para cuidar umas das outras. O objetivo da comunidade é assegurar que cada membro seja ouvido e consiga contribuir com os dons que trouxe ao mundo, da forma apropriada. Sem essa doação, a comunidade morre, e sem a comunidade, o indivíduo fica sem espaço para contribuir. Em resumo, a comunidade é a base na qual as pessoas compartilham seus dons.

Na concepção sociológica, Tönnies (1985) identificou que na virada do século XIX para o século XX houve um processo de transição das antigas comunidades, marcadas pela solidariedade e pelo afeto, para as modernas sociedades, nas quais as relações se dariam com base em interesses econômicos. O autor diferenciou comunidade de sociedade. Para ele, a comunidade está relacionada à união, à proximidade, ao que é comum a todos, enquanto a sociedade relaciona-se ao anonimato, a sujeitos isolados que compartilham primordialmente interesses racionais. Desse modo, a comunidade seria substituída, suplantada, na modernidade, pela sociedade, destruindo-se a vida comunitária. Simmel (1977) também pontuou que a relação monetária que se tornou predominante na época moderna representou o patamar máximo da individualização humana, o que levou a uma maior objetividade nas relações sociais. O autor trata a individualidade como algo importante, e que por meio da libertação do indivíduo da vida comunitária é possível assumir singularidades, num processo de libertação necessário ao indivíduo.

Para Weber (1987), a comunidade é uma relação social baseada nas ligações emocionais apoiadas na solidariedade. O autor enumera quatro tipos de ação social: a) racional em relação a fins; b) racional em relação a valores; c) determinada pela afetividade; d) determinada pela tradição (WEBER, 2005, p. 41). Sendo que o tipo mais usual encontrado nas relações sociais seria o primeiro. Enquanto os dois primeiros estão mais ligados à razão – apesar do segundo ter um caráter ambíguo –, os dois últimos relacionam-se mais à emoção. Portanto, na concepção dele, se as ações sociais dos tipos “a” e “b” são majoritárias em um determinado agrupamento social, tem-se, a princípio, uma sociedade, ao passo que os tipos “c” e “d” são mais marcantes na comunidade.

Thompson (1987) refletiu sobre a formação da classe operária inglesa e dos “costumes” dessa classe, fez alguns apontamentos importantes a respeito do conceito de comunidade. O pensamento de Thompson diferencia-se fundamentalmente do de Tönnies, uma vez que desfaz a dicotomia comunidade versus sociedade. Para Thompson, a comunidade é algo heterogêneo, que guarda elementos da tradição e de relações mais antigas, da mesma maneira em que incorpora aspectos novos, não corroborando a ideia de Tönnies de que a comunidade seria substituída pela sociedade. Consoante Thompson, é fundamental a noção de que a comunidade é um “lugar” heterogêneo, marcado pela multiplicidade de pensamentos e de costumes, pelas negociações, disputas e pela convivência, conflituosa ou não, de antigos e de novos hábitos.

Sarason descreveu o sentimento psicológico de comunidade como “o sentimento de que fazemos parte de uma rede de relacionamento de suporte mútuo, sempre disponível e da

qual podemos depender” (SARASON, 1974, p. 1). O sujeito apoia-se, assim, na sensação de saber que faz parte de algo, que não está sozinho; a vida com interdependência aponta a lógica da existência, o instinto humano.

Para McMillan & Chavis (1986), o sentimento de comunidade baseia-se em quatro elementos essenciais que definem as qualidades específicas deste conceito: fazer parte de; influência; integração e satisfação das necessidades; e partilha de ligações emocionais.

Outro aspecto do conceito de comunidade é o destacado por Cohen (1985), que compreende a comunidade como um mecanismo simbólico que permite uma reflexão sobre a diferença cultural de seus membros. Nessa perspectiva, a comunidade é uma forma de pensar, sentir e acreditar. É um fenômeno cultural construído, em termos do seu significado, por pessoas por meio de recursos simbólicos. A comunidade é, portanto, um símbolo que expressa suas próprias fronteiras.

Recuero (2001) articulou os pensamentos de Weber (1987) e Oldenburg (*apud* HAMMAN, 1998), ao refletir sobre as novas configurações da vida pós-moderna, já que os espaços sociais estariam mais ausentes no cotidiano das pessoas e, conseqüentemente, o sentimento de comunidade diminuiu, criando-se uma nova atmosfera para as comunidades virtuais. A expressão de comunidade transformou-se ao longo do tempo, abandonando a conotação rural e familiar, e passou a representar agrupamentos maiores de pessoas, marcados pela transição das comunidades rurais para os centros urbanos. Dessa forma, os locais de diversão, representados pelos bares e pelas praças, trazem o relacionamento social e o sentimento de comunidade.

2.2 UM PANORAMA SOBRE A COMUNIDADE DESDE OS PRIMÓDIOS

É instintivo o ato de se agregar. A vida na tribo era marcada, no período pré-histórico, pela tradição local de mitos, que evocavam a compreensão do mundo indiretamente, e pelos ritos, diversas atividades organizadas em que as pessoas se expressavam através de comportamentos, gestos, símbolos, dentre outros. No período paleolítico, do *homo sapiens*, as comunidades eram formadas por povos nômades que ainda não estavam fixados geograficamente, por isso, deslocavam-se para outros lugares para buscar água e alimentos. Eram caçadores e coletores, com uma relação muito próxima à natureza, pois dela dependia a sua sobrevivência. Já no neolítico, os homens deixaram de ser nômades para se tornar sedentários devido ao desenvolvimento da agricultura e da domesticação dos animais, o que permitiu um aumento na produção de alimentos. Com o passar do tempo, foram se

desenvolvendo as primeiras comunidades fixas e surgiu a organização de trabalho: caça, pesca, cuidado com os filhos, preparo de alimentos. Nesse período, os homens começaram a construir habitações mais resistentes para moradia fixa.

A partir do desenvolvimento da agricultura, o rumo daquelas comunidades primitivas mudou. Ao descobrir que poderia produzir o seu próprio alimento, o homem passou a ter uma relação de domínio sobre a natureza e começou a domesticar animais, pois já não era mais nômade. Tornou-se sedentário e surgiram as primeiras aldeias. A fertilização do solo evoluiu e possibilitou ainda mais o desenvolvimento da agricultura. Como produzia mais, sobravam alimentos e o excedente da produção passou a ser guardado. Tinha-se mais alimentos, a população também crescia cada vez mais. Assim, a população aumentava, mais alimentos eram produzidos, a escrita era desenvolvida, novas ferramentas e atividades econômicas surgiram, como o artesanato e o comércio. A vida nas aldeias era simples. Formadas por espaços coletivos, o trabalho era dividido por sexo, as pessoas cultivavam a terra e domesticavam animais, moravam em casas fixas e se organizavam perto de rios, lagos ou fontes de água. Quem liderava as aldeias eram os anciãos, responsáveis também por transmitir valores morais e religiosos.

Essas aldeias foram crescendo, se tornando mais organizadas e mais complexas, sempre localizadas nas proximidades de grandes rios. Assim, houve a necessidade de possuírem uma liderança política e, por isso, formou-se o Estado, constituído por um grupo de pessoas que, junto ao rei ou o governante maior, exerciam funções de grande importância na administração da cidade. Para sustentar o Estado, era necessário cobrar impostos dos trabalhadores. A religião tornou-se uma religião única, praticada por todos ou pela maioria dos cidadãos. Para isso, reuniam-se em templos coletivos. O líder político também exercia o poder religioso.

O trabalho era organizado nas cidades por aptidão, ou seja, as pessoas desenvolviam atividades de acordo com os seus conhecimentos e a vocação. A sociedade passou a ser dividida por classe, surgindo as desigualdades sociais. A moeda foi inventada, o dinheiro tornou-se universal. As religiões, como o budismo, o cristianismo, o islamismo chegaram e passaram a ditar concepções de mundo. A revolução científica ocorreu e as Américas e os oceanos foram incorporados, trazendo a ideia de um único planeta (HARARI, 2016).

No Brasil, as primeiras comunidades observadas foram as indígenas. Organizando-se de forma variada, uma quantidade expressiva de indígenas vivia em ocas, com a presença de várias famílias e integrantes da comunidade convivendo de forma muito próxima. Em termos

numéricos, essa variedade de povos abarcava uma população que oscilou entre a casa dos três a cinco milhões de habitantes, antes da chegada dos colonizadores europeus.

Com o passar do tempo veio a ascensão do capitalismo. A Revolução Industrial abriu caminhos para converter energia e produzir bens, representando a passagem da sociedade rural para a sociedade industrial, a mudança do trabalho artesanal para o trabalho assalariado; a utilização da energia a vapor no sistema fabril em lugar da energia humana. De acordo com Harari, essa mudança tecnológica,

Em grande medida, libertou a humanidade de sua dependência do ecossistema à sua volta. Os humanos derrubaram florestas, drenaram pântanos, represaram rios, inundaram planícies, construíram dezenas de milhares de quilômetros de ferrovias e edificaram metrópoles repletas de arranha-céus. Enquanto o mundo era moldado para atender às necessidades dos *homo sapiens*, habitats foram destruídos e espécies foram extintas. Nosso planeta, um dia verde e azul, está se tornando um shopping de plástico e concreto. (HARARI, 2016, p. 361)

Família e comunidade começam a perder sua força sendo substituídas por estado e mercado. Um cenário histórico de guerras, disputas, evoluções tecnológicas e comunicativas marcam a cronologia histórica e a percepção de comunidade é transformada com o tempo. Não há nessa dissertação intenção de aprofundamento histórico e nem entendimento sobre o contexto político, social, econômico e cultural de cada fase atravessada, mas sim destacar uma cronologia ampla que possibilite o entendimento sobre o sentido de comunidade desde os primórdios e suas transformações ao longo do tempo.

2.3 DA MODERNIDADE À PÓS-MODERNIDADE: O IMPACTO NAS COMUNIDADES E A DIGITALIDADE

Bauman (2001) observou que o século XX sofreu uma passagem da sociedade de produção para a sociedade de consumo. Com isso, há o processo de fragmentação da vida humana e deixou-se de pensar em termos de comunidade, por exemplo, à qual nação, grupos ou movimento político se pertence. A identidade pessoal, após essa transformação, restringiu o seu significado, o propósito da vida e da felicidade ao que acontece com cada pessoa individualmente.

A pós-modernidade apresenta duas fases relativamente distintas: a primeira começa em 1950 e termina com a Guerra Fria, marcada pela queda do Muro de Berlim, quando a mídia analógica, com a banda limitada, era monopolizada por grupos estatais de mídia autoritários. A segunda fase começa no início do fim da Guerra Fria, marcada pela

popularização da televisão a cabo e a nova mídia, em significados digitais de disseminação de informação e de transmissão. Essa fase é definida pela digitalidade, pelo aumento do poder individual e pela descentralização digital através dos meios de comunicação, como as máquinas de fax, os *modems*, o cabo e a internet de alta velocidade, que alteraram dramaticamente a condição da pós-modernidade, ou seja, a produção digital de informação passa a permitir que indivíduos selecionem e manipulem virtualmente todo aspecto do ambiente da mídia, além da presença do multiculturalismo.

Segundo Silva & Simon (2005), é necessário relevar os aspectos processuais relacionais, dialógicos e identitários em constantes mudanças. Assim, a condição de comunidade extrapola a delimitação geográfica para as possibilidades de pertencimento e de participação através dos espaços simbolicamente delimitados. Comunidade é um termo que pode ter múltiplos sentidos, sempre dependentes do referencial de quem os emprega, mesmo que este não seja explicitado, e do contexto em que é utilizado.

A palavra comunidade também foi destinada para denominar as favelas, no intuito de designar um agrupamento de pessoas à mercê da desigualdade social. De acordo com Peruzzo & Volpato,

Comunidade, comunitário e local têm sido usados, pelo senso comum, com significados dos mais variados, o que contribui para um esvaziamento conceitual, ou seja, faz com que os tais conceitos percam sua força explicativa e seus significados essenciais. (PERUZZO; VOLPATO, 2009, p. 10)

Nas palavras de Bauman (2001), o conceito de “lugar”, onde se espera estar seguro e passar toda a vida, também sofreu mudanças. Para ele, a maioria dos pontos sólidos que sugerem uma situação social duradoura se esvaem; e, com eles, também o sentimento ou a experiência da comunidade. Esse sentido, antes visto apenas como algo físico, geográfico, local, abrange uma conotação mais ampla. A comunidade, até então, nunca deixou de referir-se às tribos tradicionais, e o agrupamento de pessoas que ainda preservam o local ou algo em comum de forma física. Mas, começa a possuir uma conotação mais ampla para o termo comunidade, já que os pequenos grupos se tornam aglomerados urbanos. As relações condominiais começaram a existir, os muros, as cercas, um possível medo do outro e o ato de não querer contato. No decorrer do tempo, as comunidades começaram a ser incorporadas nas sociedades urbanas.

Mesmo diante de todo o contexto socioeconômico e cultural, algumas comunidades originais mantiveram-se fisicamente. As políticas públicas voltadas para os Povos e

Comunidades Tradicionais são recentes no âmbito do Estado brasileiro e tiveram como marco a Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), que foi ratificada em 1989 e trata dos direitos dos povos indígenas e tribais no mundo. De acordo com o Decreto 6040 (BRASIL, 2007), no Brasil, os povos e comunidades tradicionais são definidos como:

Grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos por tradição. (MDS, 2022)

Entre os povos e comunidades tradicionais do Brasil estão quilombolas, ciganos, matriz africana, seringueiros, castanheiros, quebradeiras de coco-de-babaçu, comunidades de fundo de pasto, faxinalenses, pescadores artesanais, marisqueiras, ribeirinhos, varjeiros, caiçaras, praieiros, sertanejos, jangadeiros, ciganos, açorianos, campeiros, vazanteiros, pantaneiros, caatingueiros, dentre outros. Segundo dados do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD, 2020), as comunidades tradicionais constituem aproximadamente 5 milhões de brasileiros e ocupam $\frac{1}{4}$ do território nacional.

Na observação de toda a estrutura sociocultural desde o fim dos anos 80 até os dias atuais, notam-se grandes transformações no campo individual e coletivo. Com o fim da bipolaridade imposta pela Guerra Fria, o mundo passou a viver baseado na ideia de pluralidade e globalização entre quase todas as nações. Os avanços tecnológicos e os meios de comunicação, a ascensão da internet e o sistema capitalista são alguns dos fatores que ajudaram a arquitetar a sociedade pós-moderna.

Para Bauman (2001), a pós-modernidade pode ser caracterizada pela ruptura com os ideais iluministas, como os sonhos utópicos da construção de uma sociedade perfeita com base em princípios tidos como verdadeiros e únicos. Desse modo, de acordo com o autor, ocorre:

- a) a substituição do pensamento coletivo e a emergência do sentimento de individualismo, representado pelo narcisismo, hedonismo e consumismo;
- b) a valorização do aqui e agora (*carpe diem*);
- c) a hiper-realidade (mistura entre o real e o imaginário, principalmente com o auxílio das tecnologias e ambientes online);
- d) a subjetividade: nada é concreto e fixo. A ideia antes tida como verdadeira passa a ser interpretada apenas como mais uma no conjunto das hipóteses;
- e) o multiculturalismo e a pluralidade, frutos da globalização e mistura entre características típicas de cada cultura, por exemplo;

- f) a fragmentação, a mistura e a união de vários fragmentos de diferentes estilos, tendências, culturas etc.;
- g) descentralização.

Uma tentativa que surge de valorização e resgate da vivência em comunidade é a criação de ecovilas. Segundo o Global Ecovillage Network (GEN), uma ecovila é uma comunidade intencional, tradicional ou urbana, conscientemente projetada por meio de processos participativos de propriedade local em todas as quatro dimensões da sustentabilidade (social, cultura, ecologia e economia) para regenerar ambientes sociais e naturais (GEN, 2022).

Cada ecovila é projetada pelas pessoas que moram nela, de acordo com sua visão, contexto, cultura e interesses. Embora cada ecovila seja única, a GEN as define em duas modalidades: a tradicional, com aldeias e comunidades rurais existentes que decidem projetar seu próprio caminho para o futuro, usando processos participativos para combinar a sabedoria tradicional que sustenta a vida e a nova inovação positiva; e a intencional, criada por pessoas que se reúnem novamente com um objetivo ou visão compartilhada. O termo começou a ser utilizado amplamente a partir de um relatório que os ativistas Robert e Diane Gilman realizaram em 1991, em que descreveram assentamentos ao redor do mundo que poderiam servir como base de inspiração (GEN, 2022).

Segundo Dawson (2015), as ecovilas seriam as comunidades de transição para uma sociedade sustentável. No entanto, com relação à “democracia inclusiva”, por exemplo, Fotopoulos (2006) pontuou algumas importantes críticas às ecovilas, relacionando-as a formas de utopismo, apoliticismo, escapismo/isolacionismo, elitismo e até individualismo (associado ao escapismo), questionando seu *status* de movimento social e sua validade enquanto forma de transformação da sociedade.

Retomando a crítica de Bauman (2001), o autor cunhou a expressão “modernidade líquida” para se referir ao período conhecido como pós-modernidade. Para ele, as relações sociais na pós-modernidade tornaram-se muito efêmeras, ou seja, assim como se constroem facilmente, tendem a ser destruídas com a mesma facilidade. Os relacionamentos mantidos através das redes sociais na Internet é um exemplo desse princípio da fluidez das relações contemporâneas. A instabilidade, fragmentação, descentralização e multipluralidade, que são algumas das características mais marcantes da sociedade pós-moderna, ajudam a entender a ideia do uso da palavra “líquida” para definir o estado da atual modernidade. Assim como os líquidos não possuem uma forma e podem deslizar com mais facilidade de um lado para outro

em um jarro, o autor explicitou os cinco principais pontos da modernidade líquida, que compreendem os comportamentos e os valores humanos da sociedade globalizada. São eles:

- (i) Emancipação: as pessoas passaram a ser agentes ativos e questionadores da sociedade e se, por um lado, tem uma maior busca pela liberdade, do outro há também uma maior responsabilização individual;
- (ii) Individualidade: a identidade tem sido moldada pelo consumo e que o indivíduo tem feito escolhas e agido por si mesmo, sem considerar atributos como cooperação e solidariedade;
- (iii) Tempo-espaço: a tecnologia serve como o agente de fragmentação desse conceito. O espaço fica maior com máquinas mais velozes e eficientes e cada vez cabem mais coisas no mesmo período de tempo, já que os eventos são simultâneos, o que conseqüentemente também amplia o espaço. Bauman também chega a tratar da urgência de que ir a algum lugar é menor, já que existem espaços virtuais (redes sociais) no qual podemos ir a qualquer local no instante em que quisermos;
- (iv) Emprego: na modernidade líquida o desemprego é estrutural em sociedade prósperas, uma vez que as relações profissionais são instáveis e efêmeras. O progresso vem a partir da confiança em si mesmo e no desenvolvimento de estratégias e ações de curto prazo;
- (v) Comunidade: há um enfraquecimento do conceito de comunidade, uma vez que a sociedade estabelece hoje seus laços em forma de rede, por meio de conexões que são feitas e desfeitas com base em interesses contextuais.

Dessa maneira, questiona-se, as comunidades não se transportaram para as redes digitais? O indivíduo, em contato com sua emancipação, individualidade, efemeridade e suporte tecnológico, primeiramente foi sujeito a reduzir o sentimento físico com relação a seu entorno, podendo afastar-se da comunidade, até que encontrasse uma nova forma de lidar com os atuais espaços, sentimentos e relações, para assim, ressignificar os novos locais em comum.

A partir da metade dos anos 1990, a Internet foi a responsável por transformar a sociedade. O cotidiano mudou a forma como as pessoas passaram a consumir informação, cultura, serviços, produtos, entretenimento e conhecimento. As fronteiras e a distância entre as pessoas diminuíram drasticamente. As relações pessoais, familiares, profissionais e comerciais ficaram cada vez menores, muito mais rápidas. Ocorreu a chegada do e-mail e a troca de mensagens em tempo real.

As discussões também ficaram mais democráticas, acessíveis e facilitadas com o surgimento e a expansão dos fóruns e das comunidades *online*. Enquanto isso, *sites* começaram a se modernizar em qualidade de conteúdo e *design* de páginas, garantindo um

fluxo crescente de acesso de usuários. A chegada das redes sociais elevou a internet a um novo patamar de usabilidade e interação entre milhões de usuários espalhados pelo globo.

A primeira delas foi em 1995 com o Classmates, uma página de interação para estudantes dos Estados Unidos e do Canadá trocarem conhecimento ou marcar encontros. Em 2002, apareceu o Fotolog, uma rede social para compartilhar fotografias. Os usuários publicavam atividades pessoais com breves descrições das suas rotinas, com a possibilidade de receber comentários e criar links para outros membros. Em 2003, vieram o LinkedIn, para assuntos profissionais e vagas de emprego, e o MySpace, *blog* para compartilhar conteúdos pessoais, fotos, vídeos e arquivos de áudio. 2004 marca a explosão da popularidade das redes sociais. Foi neste ano que surgiram o Orkut, do Google, e o Facebook. Em 2005, o YouTube, em 2006, o Twitter, o Whatsapp, em 2009, e em 2010, o Instagram.

Os territórios, em seu sentido forte, voltam à ordem do dia. Mesmo que sejam territórios simbólicos, outra maneira de chamar os sites comunitários na internet. É porque o tempo se reduz em espaço que renasce a importância da divisão, da interação, da reversibilidade, em resumo, da relação de pertença. Porque o lugar, pela força das coisas, induz o compartilhamento. Não se está mais numa reflexão sociológica, mas sim, etológica: a sobrevivência de um dependendo das relações, múltiplas, que ele vai estabelecer com o outro. (MAFFESOLI, 2014, p. 199)

Na visão de Maffesoli, a forma de tribalização altera-se e as relações se ressignificam no decorrer do tempo. O “homem unidimensional” da modernidade transmuta e passa a ser relacional. Na pós-modernidade, novas estruturas sociais foram e estão sendo criadas. É como se as tribos estivessem sendo resgatadas e valorizadas, porém, de uma forma diferente, onde se aposta mais na interdependência do que na dependência (MAFFESOLI, 2014). Para o autor, na modernidade os indivíduos buscavam suas necessidades, e na pós-modernidade buscam-se as relações, afinidades e interesses em comum. Na pós-modernidade são os laços afetivos que sustentam o funcionamento da sociedade.

A comunidade já não simboliza a mesma coisa, pois o contexto mudou. E ela não se adaptaria em um contínuo reajuste? De acordo com Maffesoli (2014), o retorno do ideal comunitário, simbolizado pela revivência da alma coletiva, retorna após um parêntese, o dos tempos modernos. O regresso apresenta-se pela junção tecnológica com a pulsão instintual, já que “o que está em obra no ideal comunitário é uma energia coletiva que não se reconhece mais no artificialismo contratual, mas que repousa sobre o consentimento natural” (MAFFESOLI, 2014, p. 175). Sendo essa revivência da alma coletiva a capacidade de ajustamento ao ambiente, ou seja, ser o que é e estar de acordo com o envoltório, não se

tratando mais de dominar as coisas do mundo exterior, mas de concordar com o que se apresenta, pois “[...] a participação na comunidade e em sua época determina o que cada um é. É isso mesmo que orienta as ações de criações, aparentemente as mais singulares” (MAFFESOLI, 2014, p. 167).

As comunidades reconfiguram-se através de vínculos nos mais variados espaços, incluindo o *online*, evidenciando as conexões e as proximidades.

A comunidade é o lugar onde se enraíza e se articula o conjunto dos modos de se estar-junto: arte, religião, pensamento, vida quotidiana. Mas quem diz relacionamento, relação de pertença, diz também, inteireza de estar junto. Inclusive emocional. Concepção holística que, progressivamente, vê a substituição do “contrato social” pelo pacto societal. (MAFFESOLI, 2014, p. 169)

Maffesoli ressalta que o viver-junto é elaborado no dia a dia com base no sentimento e que relacionar-se com o outro é uma necessidade, já que o indivíduo depende da comunidade para se elevar. De acordo com o autor, as “festas de bairro, almoços de vizinhança, festivais de todas as ordens, ajudas mútuas diversas, solidariedade tribais, poder-se-ia multiplicar ao infinito as ilustrações dessa lógica dos sentimentos como substrato do elo social” (MAFFESOLI, 2014, p. 203). Tais sentimentos comuns, de família, de afinidade, de reconhecimento, podem ser refletidos em aspectos como “*sites* de encontros, de trocas de serviços, fóruns de discussões em todos os domínios, ofertas de hospitalidade, trocas e solidariedades múltiplas” (MAFFESOLI, 2014, p. 163).

O autor exemplifica igualmente o sentido de pertença, apoiado pela ajuda mútua entre as pessoas que possui uma aura de força e de efeito aparente, notados em agrupamento de adeptos de produtos orgânicos, ideologias políticas, grupos intelectuais, gêneros musicais e seitas religiosas (MAFFESOLI, 2014).

São muitos os desdobramentos e significações de comunidade na atualidade, todos demarcam a vida plural unida em torno de algo em comum. Mas, uma coisa é certa, para viver em comunidade é preciso sair de si mesmo para viver o outro, o conjunto do todo e fundir-se com a coletividade. Assim, o aprendizado do “descentramento do eu ao nós”, conforme aponta Maffesoli (2014), exige que o indivíduo fique “desconcertado”, haja vista que isso possibilita a descoberta de novos mundos.

2.4 ESTRUTURAS COLETIVAS: INFLUÊNCIAS CONTEXTUAIS, COMUNICAÇÃO, ORGANIZAÇÃO E COLABORAÇÃO

Ao propormos a investigação da comunicação de grupos e de comunidades, tratamos da análise de uma estrutura grupal que possui uma organização que possibilita a sua efetivação. Estrutura, segundo o dicionário *Michaelis* (2022), significa organização, disposição e ordem dos elementos essenciais que compõem um corpo concreto ou abstrato, sendo aquilo que dá sustentação a alguma coisa, armação. Dessa maneira, as estruturas coletivas representam a reunião de identidades individuais que possuem familiaridade em comum. Podemos dizer que a soma de pessoas reunidas constitui uma identidade coletiva, e que através dessas conexões cria-se uma nova forma de organização.

É necessário analisar, por conseguinte, como o contexto influencia estas estruturas, pois, entender as intervenções tecnológicas, sociais, culturais e econômicas pode ajudar na compreensão da forma como nos relacionamos atualmente em nossa sociedade em constante mutação. O convite é refletir: como as estruturas coletivas são impactadas pelo cenário que habitamos?

As novas tecnologias de comunicação, com suas modificações contínuas, ressignificam o cotidiano, as relações, os espaços e a organização da sociedade. Em cerca de 50 anos, a transformação trazida pela tecnologia revolucionou a forma como as pessoas se comunicam, buscam conhecimento, trabalham e interagem entre si. As distâncias e as barreiras dos fusos horários foram quebradas pela instantaneidade da internet. McLuhan (1969) já previa que, de alguma maneira, a sociedade estava evoluindo para uma grande comunidade global. McLuhan foi a primeira pessoa a colocar esse conceito no papel e a falar sobre as suas consequências. Para ele, um sistema nervoso eletrônico, em que conexões simultâneas permitiriam que todos os cantos do planeta pudessem se comunicar sem barreiras e rapidamente, estava prestes a se formar. Acontecimentos do outro lado do mundo poderiam ser acompanhados como se estivessem acontecendo em um mesmo lugar e no mesmo momento.

Atualmente, pessoas em diferentes lugares imergem em aspectos culturais através da internet. Como afirma Castells (2003), as redes digitais constituem a nova morfologia social de nossas sociedades e a difusão da lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura.

Historicamente, a humanidade sofreu a influência de várias transformações comunicativas. Momentos importantes que marcaram não somente o advento de inéditas tecnologias informativas e o início de novas formas de comunicar, mas também no início de novas possibilidades de comunicação e,

consequentemente, a efetivação de novas práticas de interação, de socialidade, alterando a própria arquitetura social, as formas de participação e, ao mesmo tempo, também a dinâmica de percepção e interação com o ambiente. (FELICE, 2017, p. 50)

Castells (2003) pontua que a sociedade contemporânea é organizada em rede e é feita por um conjunto de nós, cujos elementos comunicam-se entre si. Esses nós podem ser qualquer coisa, por exemplo, uma rede social, onde as pessoas seriam os nós. Os *sites* seriam um nó de vários nós e a Internet, consequentemente, uma rede de redes. A conexão acontece entre os nós e como essa interligação está sempre em mutação, as conexões podem surgir ou desaparecer a qualquer momento. Assim, através de todo o conhecimento interligado, a humanidade passa a estar interligada também. Dessa maneira, as tecnologias de comunicação são fundamentais para essa interligação, pois “a Internet não é simplesmente uma tecnologia; é o meio de comunicação que constitui a forma organizativa de nossas sociedades” (CASTELLS, 2003, p. 286-287).

A revolução provocada pela tecnologia da informação e da comunicação (TIC) trouxe muitas mudanças e impactos, rearquitetando a forma como nos relacionamos, nos organizamos e enxergamos a realidade. Ampliou igualmente as possibilidades de laço entre as pessoas e, consequentemente, como vivenciamos os elos coletivos e comunitários. Consoante Felice, “nos espaços comuns da rede, como comunidade e fóruns, podemos entrar em sintonia. Nesses espaços afinamos o diapasão comum do sentido comunitário” (FELICE, 2010, p. 336).

Diante da interconexão, Levy (2003) levantou o conceito de “inteligência coletiva”, que consiste no reconhecimento e no enriquecimento mútuo das pessoas. Ou seja, cada indivíduo possui conhecimento e particularidades, sendo essa inteligência ampla, pelo fato de considerar as experiências adquiridas ao longo da vida pelos sujeitos envolvidos. E assim, cada um pode compartilhar, conhecer, compreender, querer aprender e adaptar-se a novas situações, na qual todo o saber está na humanidade, já que ninguém sabe tudo, porém, todos sabem de alguma coisa. Esse conceito reafirma a valorização da força coletiva apontando a contribuição de cada individualidade, o reconhecimento do outro e do agrupamento, deixando na interpretação o possível cerne da colaboração.

Esse é o princípio de toda conexão à rede, o reconhecimento de que alguém está lá do outro lado, alimentando a conexão, seja através de conteúdos ou de interações. As tecnologias em rede estão para nos mostrar novamente a relevância da existência do outro. Sem o outro não há rede. O sentido da rede

é a colaboração. Sem essa consciência, a rede perde sua alma. (FELICE, 2010, p. 336)

As relações sociais em rede promovem ideias e as ideias produzem cultura, e dessa forma, a produção, a circulação e o consumo foram alterados, assim como os bens culturais. Para Felice (2010), os sistemas tecnológicos são produzidos socialmente e o fruto dessa produção é um produto cultural. Nesta interligação ocorre, em paralelo, a ascensão do sistema capitalista, evidenciado pelos valores voltados ao consumo, o individualismo e a estrutura econômica piramidal, transformações em constante processamento que influenciam grupos e comunidades. Dessa forma, segundo Marx, “o lugar de todos os sentidos físicos e espirituais passou a ser ocupado, portanto, pelo simples estranhamento de todos esses sentidos, pelo sentido do ter” (MARX, 2010 p. 108). Para Willians (2011), a forma como o corpo social é organizado está relacionado à economia estabelecida, à cultura e às crenças. O autor considera que para observar a cultura deve-se constatar a produção operante, pois ela estaria influenciada diretamente por seu contexto social e histórico.

É preciso ressaltar que novas formas de organização são criadas constantemente e a produção de cultura acontece a todo instante, e cada indivíduo possui um papel imprescindível de transformação da realidade. As pessoas comuns, que estão no polo da subalternidade, geralmente não são identificadas como “artistas” na acepção mais comum da palavra, mas “também são produtoras de cultura, no sentido antropológico da palavra: são, por exemplo, sujeitos, agentes, autores da sua própria memória” (FUSER, 2020, s/p).

2.5 COMUNICAÇÃO DE COMUNIDADES, COMUNICAÇÃO DE ORGANIZAÇÕES E PROCESSOS

A guerrilha indígena travada no interior do México, nas montanhas Chiapas, nos anos 1990, representou um marco onde os Zapatistas foram precursores da utilização da internet para mobilizações sociais e políticas. Em 1997, um comunicado do subcomandante Marcos, do Exército Zapatista de Libertação Nacional, fora traduzido em dezenas de línguas em alguns poucos minutos e se tornou o primeiro movimento global de protesto, contando com apoiadores em toda parte do mundo, da Argentina ao Japão.

A utilização de uma internet ainda incipiente pelos zapatistas marcou a construção de parcerias e a colaboração livre e independente entre indivíduos. É possível observar nesse fato

a comunicação como um processo importante dentro da comunidade na representação de um povo, e como um meio de expressão da sua identidade e em seu exercício democrático.

De acordo com Peruzzo, a “comunicação comunitária”

[...] é produzida no âmbito das comunidades e de agrupamentos sociais com identidades e interesses comuns. Alicerça-se nos princípios de comunidade, quais sejam: implica a participação ativa, horizontal e democrática dos cidadãos; a propriedade coletiva; o sentido de pertença que desenvolve entre os membros; a co-responsabilidade pelos conteúdos emitidos; a gestão partilhada; a capacidade de conseguir identificação com a cultura e interesses locais; o poder de contribuir para a democratização do conhecimento e da cultura. (PERUZZO, 2015, p. 7)

A comunicação é, por conseguinte, ferramenta fundamental nas relações estabelecidas internamente por grupos e comunidades, seja na abordagem interpessoal ou como meio e mídia. Se a fala é lugar de poder, a comunicação dentro de um agrupamento é fundamental para a sua sustentação e posicionamento. Esta comunicação de comunidade

É mais que meios e mensagens, pois assume um importante papel na ampliação da cidadania, surge de uma dinâmica de mobilização social e está imbuída por uma proposta de transformação social, abrindo possibilidade para a participação ativa do cidadão comum como protagonista do processo. (PERUZZO, 2007, p. 3)

Peruzzo (2011) afirma que a cultura de comunicação propõe o contato entre os atores sociais para compor e reorganizar o mundo social com o objetivo de integrar uma rede inteligente, ativa, efetiva e afetivamente construtora do espírito “nosótrico”, (GONZÁLEZ, 2007 *apud* PERUZZO, 2011), ou seja, o nós, o espírito coletivo. A autora também salienta que o empoderamento, usado no sentido de “dar poder”, vivenciado geralmente nas comunidades e grupos, desloca-se para os meios de comunicação vivenciados na realidade digital (PERUZZO, 2018).

Para além das comunidades, podemos visualizar o contexto dos grupos em estruturas organizacionais, inseridas na lógica da gestão operante no sistema atual. Handy (1987) afirma que há indícios de que a cultura organizacional experimenta, em nossos dias, um incremento das preferências e opções individuais dionisíacas. Dionísio, na cultura clássica, é o deus da música e do vinho, por isso, Handy afirma que ele faz parte da cultura organizacional, designada como existencial, haja vista que se relaciona com os talentos individuais e implica em riscos e responsabilidades compatíveis com eles. Da mesma forma, implica em qualidades humanas que favoreçam as relações de parceria e a vida associativa em geral. Nessas

organizações o respeito à autonomia individual é a base ética de toda a sua cultura. Nota-se assim, o alinhamento de Handy (1987) com Maffesoli (2014) na perspectiva do “*homo festivo*”.

Percebemos que a organização é a forma como a estrutura dispõe, funciona, opera e interliga. Conforme Handy (2012) ela é o ambiente onde os elementos presentes confluem em coesão, cedem e recebem algo para alcançar a proposta deste agrupamento. Caso seja desconsiderada, a comunicação pode ser interpretada como um dos principais motivos de insucesso em projetos e uma das maiores barreiras à eficiência das organizações, conforme diversos indicadores de gestão organizacional. Quando se coloca a comunicação como processo, sua importância como meio se mantém, pois ela precisa ser tratada como meio para que algumas ações aconteçam dentro de qualquer organização.

Ao abordarmos os processos organizacionais nesta dissertação, o objetivo é trazer a elaboração de operações que tenham unidade, regularidade, desenvolvimento e andamento contínuo. A comunicação é como a engrenagem que conduz a continuidade de um intento, sendo agente de transformação.

2.6 COMUNICAÇÃO COLABORATIVA E FORMATOS COMUNICATIVOS

Como o objeto empírico analisado nesta pesquisa, a comunidade Tear dos Sonhos, apresenta o conceito de colaboração, propõe-se uma exposição breve da temática. A inteligência coletiva, abordada anteriormente, traz a importância da força do somatório das potências individuais. Partindo-se da premissa que a interação possibilita o compartilhamento de conhecimentos e opiniões, entendemos que a colaboração está um pouco além, já que representa a capacidade de auxílio e de potencialização dos relacionamentos, podendo gerar desdobramentos e inovações. A colaboração sintetiza a essência dos aspectos comunitários somada à criação de formas de ajuda e, em alguns casos, de solidariedade. Para que a colaboração aconteça, na maioria dos casos, deve haver algum tipo de identificação, uma necessidade em comum ou o estabelecimento de trocas.

Onde houver ambiente para colaboração, o papel da comunicação estará presente na interlocução. Tal comunicação colaborativa pode atuar para tornar os ambientes mais criativos e plurais, trazendo mais vivacidade para as organizações, comunidades, grupos e coletivos. Deetz (2010) propõe a teoria da “comunicação colaborativa” pautada na tríade diálogo, entendimento mútuo e colaboração, construindo um ambiente organizacional mais participativo, autêntico e propício à inovação. Segundo o autor, este modelo de colaboração se

apoia no compartilhamento de expectativas, conhecimentos e experiências entre as pessoas. E para que essa interação ocorra, é necessária uma forma de comunicação democrática que busque um ponto comum para lidar com as diferentes experiências e opiniões.

A comunicação ocorre como processo e como ferramenta. Os processos comunicacionais são capazes de contribuir para que a cooperação aconteça, afinal, não é somente a partir da ideologia ou do desejo que as coisas acontecem e se concretizam. É possível sistematizar a organização e a comunicação para alcançar o que se objetiva de forma eficaz. A comunicação colaborativa nada mais é do que a comunicação na qual a intenção que prevalece é o desejo de realizar auxílio. As estruturas colaborativas nos apresentam, desse modo, novas formas de se relacionar.

Tratando de relações e retornando para a vivência em grupo, no qual muitas vezes existe o predomínio da comunicação interpessoal, Rosenberg (2006) criou o conceito de “comunicação não violenta” (CNV), método comunicativo representativo na atualidade. Criado para melhorar a qualidade dos relacionamentos, esse método de comunicação se baseia na relação de parceria, cooperação e empatia. A CNV é uma forma de expressão que prioriza o fortalecimento de vínculos e laços, e está baseada em 4 pilares: observação, sentimento, necessidades e pedidos. O objetivo do método é contribuir para uma melhor escuta do outro e habilidade de reformulação das próprias expressões.

Segundo Baptista (2004), não há comunicação sem o acionamento de planos amorosos, de disposição de estar junto, de respeitar-se mutuamente, assim como os tempos, os silêncios, os ritmos e a empatia de sair de si para entender o lugar do outro, fruto da interação, pensada como o encontro de corpos que se misturam e se transformam.

Para Freire (1985), a essência do conceito da comunicação como diálogo remete à reciprocidade, dialogando com as “estratégias sensíveis” de Sodré (2006), que considera que contato e afeto são categorias centrais para o agir comunicativo. A afeição é criada a partir do estabelecimento de contato com o outro, o ato de abertura para se juntar e chacoalhar. Maffesoli (2014) nos propõe pensar esta cultura tribalizada a partir do contexto afetivo e da presença do sentimento, relatados no capítulo a seguir.

3 INTERPRETAÇÃO DE AFETIVIDADE SEGUNDO MAFFESOLI

Este capítulo aprofunda o entendimento das significações de afeto segundo a base teórica de Maffesoli, ocorrendo a interpretação e a decodificação da afetividade em indicadores para a categorização de temas que será utilizada na metodologia de análise de conteúdo.

3.1 DO EU PARA O COMUNITÁRIO E DO COMUNITÁRIO PARA O EU

Para falar de afeto, palavra de significado amplo, essa dissertação buscou o referencial teórico e a interpretação do sociólogo francês Maffesoli, cuja concepção de afetividade diz respeito ao ato de sentir e estar nas relações, sendo representada pelo sentimento, ou seja, a comunhão emocional. De acordo com o autor, a afetividade é

O elo social em que o amor tem o seu lugar. Nem se trata de um amor que designa um sentimento experimentado por duas pessoas uma pela outra. O amor em questão, em seu sentido pleno, é um termo cômodo para designar uma ambiência geral na qual se elabora e se desenvolve uma maneira de estar junto. Maneira não necessariamente nova, mas que foi oculta, ou no mínimo, marginalizada, será preciso ver por que, ao longo de toda a modernidade. (MAFFESOLI, 2014, p. 235)

A tribalização acontece naturalmente, segundo Maffesoli, já que a convivência é uma necessidade dos seres humanos, cuja cultura do pertencimento a algo mais intenso em que ocorre “[...] uma vibração em comum, de uma razão sensível, onde há comunhão passageira de emoções, politeísmo de valores e ideias plurais em ressonância. Eu sou afetado pelo outro (comunidade, natureza, deidade)” (MAFFESOLI, 2014, p. 278).

Dessa maneira, necessitamos dos sentidos duradouros ou provisórios de comunhão, ou seja, enquanto indivíduos pós-modernos somos hedonistas, presenteístas, sedentos de calor social e podemos validar isso na importância que damos para as festas e os rituais, pois são os laços sociais que sustentam o indivíduo. O coletivo amplia-se, ganha força. O autor correlaciona a visão do mundo atual alinhada à cronologia histórica pautada na diferenciação da postura do indivíduo na modernidade e na pós-modernidade. Segundo ele, se na modernidade, os indivíduos buscavam suas necessidades, na pós-modernidade busca-se relações, laços, afinidades e interesses em comum que abrem portas para a coletividade

afetiva. No cartesianismo do século XVII, na filosofia das Luzes do século XVIII e nos sistemas sociais do século XIX, o indivíduo era valorizado como uma entidade autossuficiente e independente. O individualismo e o nacionalismo imperavam. Já na pós-modernidade, os laços afetivos sustentam o funcionamento da sociedade e tendem a suplantar as ideias oriundas da modernidade (MAFFESOLI, 2014).

Para o autor, na pós-modernidade o sentimento, as vibrações espirituais e artísticas estão mais presentes, já que é preciso estar no tom e em sintonia com os outros (MAFFESOLI, 2014). O homem unidimensional da modernidade transmuta e passa a ser relacional. Na pós-modernidade, novas estruturas sociais foram e estão sendo criadas. É como se as tribos tivessem sido resgatadas e valorizadas, trazendo à tona a ideia de aldeia dos séculos XV e XVI, onde se apostava mais na interdependência do que na dependência. Assim, nota-se uma retomada das raízes ancestrais, originárias, tradicionais e instintivas.

Maffesoli (2014) traz a reflexão que o desenvolvimento tecnológico e a sociedade industrial, priorizadas no racionalismo, nos guiaram a uma forma mais distante das relações sociais, nos conduzindo ao isolamento e à solidão. Atualmente, presenciamos um movimento contrário de não colocar a vida somente em uma dimensão econômica e funcional. Na pós-modernidade se entrelaçam “a sinergia de fenômenos arcaicos com o desenvolvimento tecnológico” (MAFFESOLI, 2014, p. 84).

É no outro que me crio e existo no lugar que faz a nossa ligação. O indivíduo começa a ver sua presença no outro. O lugar cria o elo e, em muitas situações, as coisas precisam ser compartilhadas, assim, fica notável que é preciso relacionar-se, criando-se a liga de viver junto. E para que isso aconteça, além da pertença, é preciso inteireza, ou seja, presença do corpo em sua integralidade. Nessa lógica, o indivíduo começa a não separar o corpo e a mente, o que faz com que as emoções apresentem intensidades (MAFFESOLI, 2014). Nesse ponto, o autor evidencia que o afeto parte primeiramente de si mesmo. Quanto mais o indivíduo possui entendimento do seu eu, mais ele reconhece sua presença no outro, na natureza ou em sua tribo, interessa-se e entrega-se nos outros como iguais, por isso, tende à proximidade e à construção dos laços.

Segundo Maffesoli (2014), a sensibilidade ecológica está sendo reafiorada, assim como a relação com os outros da tribo, com as forças misteriosas, denominado por ele como o elo vital, a “ecosofia”, o retorno da selvagem, da natureza e da cultura de união. O estar com o outro, em fase, ao lado, o nós comunitário. O autor nos fala sobre a retomada da valorização do aqui e agora, como o tempo mais importante.

Para Maffesoli (2014), a deontologia passa a ser questionada, ou seja, o dever, a

obrigação, o permitido e não permitido, o contrato social, o moralismo, o racional em excesso são repensados e o prazer como estilo de vida é incorporado. O coração ganha força sobre o cognitivo, dando espaço para o que ele denomina de razão sensível, intuição razoável e o pensar com o coração. Podemos observar o retorno do nomadismo, do tribalismo e o hedonismo, formas que já foram consideradas ultrapassadas e agora não são mais. No reconhecimento do hedonismo, o prazer é representado pelo papel cardeal e festividade. O culto do prazer promove vida e calor. A paixão e a intensidade das emoções indicam o gosto pela vida (MAFFESOLI, 2014).

O universo digital permitiu e colabora para a construção de laços sociais mais amplos, conectando pessoas com gostos alinhados, mas que estão em lugares diferentes, sinalizando que novas formas de relação foram incorporadas com o apoio da tecnologia e da Internet. São variados os exemplos observados na atualidade de conexões que encurtam distâncias físicas e provocam a sensação de proximidade e intimidade. Graças à digitalidade, os contatos estabelecidos geram sentimentos, gostos musicais, esportivos, sociais, políticos e sexuais. As tribos florescem e as redes comunitárias ressurgem, diferentemente da formação social construída na modernidade (MAFFESOLI, 2014).

Como aponta o autor, existem muitas crenças ou costumes na nossa cultura que moldam a percepção e o comportamento, até que estejamos conscientes para criticar e rever o modo de vida e os caminhos a serem seguidos. Nesta reflexão, ele cogita a retomada para um ponto de vista e um jeito de viver mais antigo, mais arcaico, elucidando que o mesmo parece estar mais conectado ao natural e ao instintual (MAFFESOLI, 2014).

Esta cultura do estar junto, que pulsa nos elos sociais coletivos, pode ser entendida como mistura de sentimento de pertença, sintonia, sinergia, raízes de irmanação, cultura do prazer, relações afetivas, o pacto, a alma coletiva, a inteireza, o ideal comunitário. Maffesoli (2014) nomeou essas características de “reencantamento do mundo”, como uma retomada do eu para o comunitário.

3.2 SIGNIFICAÇÕES DE AFETO NAS RELAÇÕES GRUPAIS E A DIGITALIDADE

No intuito de discorrer a respeito das conotações de afeto através das perspectivas de Maffesoli (2014), percebe-se um entrelaçamento desse conceito com os elos coletivos, pois ele se encontra novamente valorizado na vida social, cuja expressão “viver-junto” o comprova, já que não é apenas o “[...] racional que prevalece, mas o vivido com o calor que o caracteriza” (MAFFESOLI, 2014, p. 97). Nota-se que é como se o calor gerado pela união e

expressão das emoções pudesse começar a explicar o que seria tal sentimento, o *feeling* destacando a importância dos afetos nas relações sociais.

É ao ato de sentir que fazemos referência, a ação de vivenciar, experienciar, entrar em contato com as emoções. A empatia exprime essa interação entre as pessoas que se colocam intuitivamente um no lugar do outro, experimentando sentimentos comuns e as “consequências de tal reversibilidade” (MAFFESOLI, 2014). Ao perceberem os sentidos do corpo, do coração e as extensões que os mesmos criam, as pessoas se ligam umas às outras numa espécie de nó górdio de interrelações que é o constitutivo das tribos pós-modernas (MAFFESOLI, 2014). Uma simples sensação de que a vida ao lado do outro é melhor, ou seja, o outro anima, dá vida.

É, com efeito, o *crew* dos grafistas, no grupo musical onde se vive sua paixão, no grupo de oração, na comunidade dividindo tal ou tal gosto sexual, na corrente política a qual se adere, na capela intelectual onde se vai buscar suas garantias teóricas, em resumo, é na tribo, lugar de verdadeiras afinidades eletivas, que se opera a verdadeira relação de si. Realização que não é mais a do encerramento na identidade individual, com dominante racional, mas, sim, a constante abertura sobre a alteridade, causa e efeito da interpenetração das consciências em que o emocional ocupa lugar de destaque. (MAFFESOLI, 2014, p. 189)

O autor aborda o afeto como uma misteriosa alquimia que permite à sociedade passar a via seca da razão e atravessar para uma via úmida. Maffesoli pergunta se “paixões, sonhos, festas, jogos coletivos, não é isso que está em posição privilegiada?” (MAFFESOLI, 2014, p. 10). Essa forma de viver junto elabora os sentimentos cotidianamente, e não tem nada a ver com uma característica psicológica individual, mas sim como o afetual ou o emocional, pois vincula-se ao espaço comum. Sentimento, portanto, que toma lugar de um intelecto um pouco nervoso e que serviu de cimento à sociedade moderna.

No geral, a generosidade, a solidariedade e a reciprocidade não são mais descartados como algo supérfluo, havendo uma preocupação mundana, presenteísta, e não mais a espera de amanhã melhores por vir. Talvez seja esse o segredo das tribos pós-modernas, reflexo de sociedades cooperativas, que interagem por meio de um incontestável fenômeno afetivo, pois “o que está em obra no ideal comunitário é uma energia coletiva que não se reconhece mais no artificialismo contratual mas que repousa no consentimento natural” (MAFFESOLI, 2014, p. 175). Esse consentimento ajusta-se ao ambiente, está de acordo com os outros, leva em consideração o que é, cuja força interna as anima, uma força que conversa de dentro para fora, sem imposições.

Outro aspecto importante na construção dessa comunidade é a capacidade de se perder no outro, em que ambos repartem uma mesma identificação, de um ímã em uma relação que se completa, em que ambos de alguma forma estabelecem reciprocidade, o que é notado nas

Efervescências sociais, políticas, culturais, religiosas, em que o afeto, mais que o intelecto, intervém em prioridade. Indignar-se, emocionar-se, vibrar junto, em suma, ser afetado pela alteridade é o denominador comum do imaginário contemporâneo. (MAFFESOLI, 2014, p. 174)

O autor nos convida a pensar que para melhor ou para pior, as comunidades estão aí e ganham força por conta do desenvolvimento tecnológico. Os espaços virtuais nos possibilitam aproximações por variados índices de afinidade e são capazes de construir laços sólidos de união. Toques a distância simbolizam um afeto que ultrapassa telas, mas que fazem o ser humano se conectar com o sentir e se ver no outro, em que “a sinergia evidente entre o fenômeno tribal e o desenvolvimento da Internet é um lugar comum sociológico que só alguns espíritos atrasados se recusam a ver!” (MAFFESOLI, 2014, p. 177).

O autor pontua que a digitalidade tem se mostrado capaz de construir ou reconstruir ideias comunitárias. É possível exemplificarmos essa proposição com as mídias sociais, lugar onde se produz uma nova concepção de laço social em que a instantaneidade e a velocidade expressas em palavras, imagens e vídeos são diálogos que desenham um novo modelo de sociedade que estamos conhecendo. “O desenvolvimento do festivo ou do lúdico comprovam isso. Não há nada de individual nesses domínios. A excitação e a histeria são comunitárias” (MAFFESOLI, 2014, p. 111). Esse fato diz respeito àquilo que Maffesoli aponta como manifestações hedonistas na prática do dia a dia, que contrariam o subjetivismo e o idealismo, juntamente com a visão economicista e individualista, pois o “prazer de ser” é coletivo.

Seria então um momento de reconstrução do elo social no qual os afetos sobressaem ao exprimir a consciência sobre o viver junto? Maffesoli (2014) conjectura que para a troca afetiva acontecer nas tribos atuais é necessário limpar-se do dualismo, maniqueísmo e costumes carregados, incorporando a crítica e a compreensão na prática, sendo necessário

Purgar-se desse dualismo nativo, próprio à tradição semítica, depois moderna. Maniqueísmo religioso, depois político, dicotomizado, radicalmente, o mundo e os seres segundo julgamentos normativos dos mais

decisivos possíveis: bem/mal, verdadeiro/falso. (MAFFESOLI, 2014, p. 264)

Além desses dogmas e crenças, a observação sobre a imitação é levantada, já que o autor reconhece no mimetismo a causa, associando as pessoas ao mesmo processo de adaptação de animais e plantas, que imitam características de espécies parecidas através da força do contágio do afeto. Dessa maneira, “é *a priori* e sem fundamento reflexivo que se age e se pensa de tal ou tal maneira, que se vai promulgar apreciações não se importa como, e colocar em ação processos inquisitoriais” (MAFFESOLI, 2014, p. 249). O que se justifica em contagiar pelo sentimento de pertença, a emoção do que é comum. Está aí a oportunidade de se colocar em prática tal razão sensível, ponderando o que é a nossa verdade de fato, apoiando-se no exercício do papel crítico.

3.3 DECODIFICAÇÃO DE AFETO – INDICADORES INTERPRETADOS SEGUNDO A BASE TEÓRICA DE MAFFESOLI PARA A CATEGORIZAÇÃO NA METODOLOGIA ANÁLISE DE CONTEÚDO

Essa parte da dissertação é a base teórica para a categorização das temáticas na análise de conteúdo utilizada na metodologia. Para falar de afeto na comunicação de grupos e de comunidades, e conseguir analisar o objeto da pesquisa de forma empírica, propomos mapear alguns indicadores relevantes citados no panorama de Maffesoli e nos aprofundarmos em cada um para ampliar o entendimento. Entende-se que todos esses conceitos categorizados estão interligados e levam ao mesmo significado, totalizando um único sentido: afetividade. Porém, cada indicador demonstra uma ideia que prevalece majoritariamente e é diante dessa interpretação central que foi possível separar os entendimentos.

a) Valorização do momento presente

Maffesoli (2014) aborda o reconhecimento do indivíduo sobre o aqui e agora sem a pressão da produtividade, pois o “divino” não deve ser buscado no inteligível, mas no sensível do cotidiano, afirmando que é no dia a dia que a vida acontece e uma nova realidade é criada. De acordo com o autor,

A erótica social evoca uma outra temporalidade: a do Kairós, isto é, da oportunidade, da aventura, sucessão de instantes centrados na intensidade do momento, a jubilação do efêmero, a alegria de viver e de gozar do que se

apresenta aqui e agora. Ressurgência, sempre e de novo, atual, o eterno *carpe diem*. Mas um tal hedonismo popular que constitui a atmosfera do momento evoca uma outra concepção do tempo: o presenteísmo. (MAFFESOLI, 2014, p. 34)

Dessa maneira, é preciso enxergar o tempo da vida cotidiana e do gozo do aqui e agora, já que a presença no momento presente direciona a pessoa para uma vida corrente e mais instintual, o que lhe possibilita estar encarnada em suas potencialidades e a favorece contra a alienação. De fato, estar localizado no agora provoca muitos sentimentos e reflexões e

O culto do corpo, o prazer de consumir, de gozar dos bens deste mundo e de se apegar ao presente são frequentemente descritos como manifestações de uma profunda “alienação” ou de uma exploração dos corpos e dos espíritos. Não se pode, antes, reconhecer aí o fato de que nos deleitamos com a vida? (MAFFESOLI, 2014, p. 250)

O fato de estar conectado ao momento presente como o momento mais importante, sugere o enraizamento profundo no original. Diante do real que se apresenta, o presenteísmo valoriza a coexistência, é a copresença que confirma a atualidade e a pertinência. Sim, estamos falando de uma geração que não demonstra apego ao passado e que não vive mais um futuro que talvez possa chegar.

Os fenômenos caritativos, as indignações políticas, as agregações festivas, as agitações esportivas, as peregrinações religiosas, eis quantas manifestações de uma intensidade societal que prefiguram a chegada de um novo paradigma, ou antes, que ilustram uma vigorosa cultura do sentimento que se dedica a viver no presente. (MAFFESOLI, 2014, p. 250)

O desfrute da vida não é mais deixado para depois, assumindo a apropriação do mesmo no dado instante. Há uma energia em ação na sociabilidade pós-moderna, mas ela escapa às habituais injunções do “adiamento do gozo” imposto pelas instituições modernas. Tem-se a noção de que a vida precisa ser vivida da melhor forma possível no presente e não mais em um futuro sonhado, já que ele não é mais garantia do bem-estar, por isso, é procurado no presente, num eterno *carpe diem*.

b) Sentimento de Nós e Pertença

Para Maffesoli (2014), vivenciamos o tempo do nós, do estar com e de sentir-se parte de algo, pois só assim tudo faz sentido, não num mundo hipotético, mas na vida diária. O indivíduo se vê no outro na troca dos afetos que se espriam pela vida social, sendo a

expressão de um estar-em-comum mais instintual. O outro faz parte e é necessário, em fusão, pode-se sentir. Esse estar-com acontece em sentidos duradouros ou provisórios de comunhão.

É assim que é preciso compreender o aspecto cultural e natural ao mesmo tempo de um estar-com, violento ou banal, apontando, de novo, seu nariz! Mesmo se as palavras faltam, ainda para o bem compreendê-lo, o *Zeitgeist* está bem na unicidade, isto é, a interação de todos os elementos da vida mundana que se tinha, até então separado. Ação-retroação entre o ambiente natural e o ambiente social, eis o que está no coração de uma complexidade em que são “tecidos” juntos, ao mesmo tempo, a dimensão animal e o fator humano do homem em sua inteireza. (MAFFESOLI, 2014, p. 94)

Ao enxergar-se no outro, o indivíduo desloca-se do racional ao emocional, cujas diversas afetividades são constituintes da harmonia redescoberta pela sociedade, ou seja, a empatia acontece de forma espontânea, baseada nas afinidades, em como o outro nos afeta e como afetamos o outro.

Para Maffesoli (2014), esse nós não seria uma condição fixada e única de existência, na qual o indivíduo não pode expressar sua individualidade ou aquietar-se, mas sim um estado de consciência da relação de interdependência, que estamos ligados. No entanto, para que ocorra o descentramento do eu ao nós é preciso aceitar o desconcerto da descoberta de novos mundos.

Percebe-se, portanto, que desfrutar da companhia de outrem exige envolvimento e abertura, uma religação ao outro da tribo, ao outro da natureza (MAFFESOLI, 2014). Onde existe o sentimento do nós ocorre a tribalização. E a lógica da tribo é o ligar-se ao outro, não pelo viés artificial, racional ou impositivo, e sim pela identificação, sensação de estar confortável ou simplesmente na escuta do coração e das emoções.

Pertencer a algo é reconhecer-se no outro em um dado lugar e sentir-se acolhido, num sentimento de pertença que é o elemento essencial da estrutura tribal. Cada indivíduo sabe que não está sozinho, que faz parte de um ninho e com isso sua força individual é ampliada ao coletivo, e que sua sua pertença não é simplesmente relacional e utilitária, pois inclui o “preço das coisas sem preço”, o afeto e o espiritual. O pertencimento possui também seu aspecto natural e animalesco, os mimetismos e os fenômenos da moda, o gregarismo cotidiano que enfatiza o sentimento de pertença (MAFFESOLI, 2014).

Esse pertencimento parece ser parte em uma relação de reciprocidade sentimental e estar protegido como uma sensação de lugar seguro, pois ali se está junto com outras pessoas que possuem algo em comum. Ele é um fenômeno inicial que constitui “[...] o clima societal em seu sentido abrangente que o social contratual tinha acreditado evacuar”

(MAFFESOLI, 2014, p. 109).

Ou seja, o pertencimento é um saber que acredita que em companhia se compactua com mais amparo, êxito e felicidade, é uma autossuficiência específica comum aos agrupamentos que compartilham de uma crença em comum (MAFFESOLI, 2014, p. 179). O pertencimento seria, então, uma identificação segura, onde pode complementar e ser complementado. Aquela sensação conhecida de pode contar comigo, ou essa gente é gente como eu.

Na reflexão sobre o fazer parte, nota-se que o indivíduo fica consciente sobre a importância da sua presença em determinada tribo ou agrupamento. “Não se está jamais em si, mas sempre para outrem. Sempre em relação, em fusão, em confusão” (MAFFESOLI, 2014, p. 109). Entendendo que pertencer se explica pelo sentimento de sintonia, de se estar no mesmo tom, de ter coisas em comum, se perceber no grupo ou em comunidades atributos que caracterizam a si, influenciando-se e literalmente misturando-se.

E ao pertencer, podem surgir vários fenômenos estéticos de espelhamento e de identificação. Maffesoli (2014) cita Heidegger ao afirmar que essa pertença pode ser expressada nas vestimentas, hábitos, vocabulário, e complementa que o enraizamento nos lugares que se compartilha com os demais é o substrato do ideal comunitário. “O sentimento de pertença próprio às tribos pós-modernas se acompanha por uma copertença por um lugar determinado: o lugar faz ligação” (MAFFESOLI, 2014, p. 70).

c) Inteira do ser

Em sua abordagem relacional, afetiva e tribalista, Maffesoli (2014) evidencia que o primeiro sentimento e a primeira afeição devem ser por si mesmo, “em um processo vitalista, pode-se dizer que é na inteireza do corpo individual (material e espiritual) que constitui o corpo social. Aquele que exacerbando-se neste e aí encontrando sua razão de ser” (MAFFESOLI, 2014, p. 187).

O indivíduo centrado em si, atento ao seu corpo e consciente de sua realidade e de suas necessidades, vivencia a sua integralidade e, assim, aprecia o viver junto.

O que atribui ao desenvolvimento vital seu poder intrínseco. O que permite igualmente a cada um, em função de suas próprias qualidades, tocar, no momento oportuno, seu próprio instrumento no seio da orquestra que á sua e de participar assim de uma harmonia de conjunto. (MAFFESOLI, 2014, p. 278)

Com esse centramento individual, mesmo que em constante transformação, há totalidade e transbordamento, assim, o cuidado afetivo com o próximo surge e é apreciado. Quando o autoamor e o autocuidado são vivenciados, a pessoa apropria-se da sua força e chega mais inteira ou recarregada para se relacionar.

Mas tal “asselvajamento”, que é por mais forte razão, uma especificidade da pós-modernidade, é igualmente uma forma de sabedoria. Porque, reconhecendo o que é, deixando o emocional exprimir-se ou “homeopatizar-se”, se limita sua extensão e circunscrevem-se suas consequências perversas. (MAFFESOLI, 2014, p. 94)

Cheio de si, o ser não se afasta da sua própria essência, e está mais propenso a demonstrar o seu afeto instintivamente.

d) Consciência da interdependência das relações

É inegável a lógica da interdependência dos seres humanos. É na interação que há vida, e “se existe uma lei universal que rege o gênero humano, é que não se é aquele que se vê no espelho, mas sim, aquele que se reconhece no olhar do Outro. É a alteridade que me faz existir” (MAFFESOLI, 2014, p. 105).

Sendo uma condição inerente do ser vivo, interdependência representa o entendimento do funcionamento da lógica do planeta, do próprio corpo humano, que com seu conjunto de órgãos promove vida, o “estar-com é, ao mesmo tempo, instintual e cultural. Ela faz parte do código genético da nossa natureza humana” (MAFFESOLI, 2014, p. 91). Do mesmo modo que é uma condição de sobrevivência, uma necessidade de existência, um reconhecimento da dependência, como também do suporte oferecido em contrapartida, notada nas “múltiplas facetas constitutivas da pessoa, uma interação, interdependência com o outro da tribo e do espaço no qual esta se situa” (MAFFESOLI, 2014, p. 162).

De acordo com o autor, a alteridade representada pela sinergia e pela sintonia é o estado de religação como estrutura antropológica. Ao reconhecer que está ligado a uma rede ampla de pessoas, o indivíduo concebe a lógica comunitária, o estar em comum,

A (re)novação de uma harmonia orgânica, a da ecosofia, não se funda mais sobre os grandes esquemas de liberdade, de independência, até mesmo de autonomia que, progressivamente, a partir das raízes semíticas, se fortaleceram ao longo de toda a modernidade ocidental. Ser para si mesmo sua própria lei (auto-nomos) foi próprio do ideal democrático e do contrato social que é sua expressão. O que se inicia sob nossos olhos, de uma maneira de tal cegante que se é incapaz de vê-lo, pode cristalizar-se sobre o termo da

heteronomia: não há mais autodeterminação, é o outro que me intima a ser quem eu sou. (MAFFESOLI, 2014, p. 273)

De acordo com Maffesoli (2014), a interdependência pode estar na política, no jogo sindical, nas reivindicações profissionais, nas reações aos fatos corriqueiros. Quando estamos com outras pessoas em compartilhamento de sentimentos ou apenas em apoio mútuo, constatamos a força que essa junção é capaz.

Daí, a fragilidade da instância individual. Para retomar uma bela expressão de Tereza de Ávila: conhece-te em Mim. Não se está aí no “conhece-te a ti mesmo” socrático, nem no “eu penso” cartesiano. O “Eu” para Tereza, seu Deus, é o símbolo do êxtase. A saída de si num conjunto mais vasto: o da natureza (ecosofia), o da deidade (religiosidade), o do grupo (tribalismo), é pois, a garantia de uma inegável sobrevivência, de um mais-ser em que o eu pessoal encontra sua plenitude no chuleio (*surjet*) diferentemente mais complexo do que se tratou. A perda de si no outro, a perda do pequeno si num Si mais vasto, sendo, a partir de então, garantia de um excesso de ser. A sabedoria popular declara, com justeza, quem perde ganha! (MAFFESOLI, 2014, p. 102).

e) Prazer, Papel Cardeal e festividade

Maffesoli (2014) aborda os conceitos *ordo amoris* e *homo festivo*, que evidenciam um mundo pós-moderno sedento por paixões, intensidade das emoções e gosto pela vida.

Para além das múltiplas frivolidades moralistas que são em quantidade, mas que apenas traduzem, como é frequente em fim de ciclo, o pressentimento de que os valores próprios a esse ciclo estão em curso de saturação, importa medir as fortes consequências que emergem da estreita ligação entre a festividade e a mundanidade. Porque é o fato de ter tomado consciência de que se é deste mundo que provoca, inelutavelmente, o desejo de aproveitá-lo. (MAFFESOLI, 2014, p. 214)

O que se entende pela vontade de viver, de ser, de despir-se do racionalismo em excesso, que provocam máscaras e distanciamento do eu, para um momento de mistura com o outro, conexão com as emoções, como o foco na celebração, na alegria e no desfrutar.

É isso que constitui a constância antropológica de *homo festivus*: fazer ouvir o cântico da carne. E que lembra assim que somos encarnados em um dado lugar. Mundano, isto é, cidadão deste mundo. Acontece que o retorno dos fenômenos e das ocasiões festivas é o sintoma de uma conversão: *convertere*, torna e retorna à pertença ao mundo natural. Não há, a partir de então, porque se surpreender que, num mesmo movimento, o realismo pós-moderno enfatize a ecosfera, a sabedoria da casa de cada um, e sobre a festividade que é uma espécie de celebração dela. (MAFFESOLI, 2014, p.

226)

O fato de poder estar em contato com as emoções e com o sentimento de nós, da interligação com outrem, aproxima-se da condição natural da vida, do contato íntimo e descontraído.

Reconhecendo esse deslocamento do eu *homo festivus*, só estamos chegando a um outro estágio, talvez provisório da evolução da nossa espécie. Evolução, por mais paradoxal que isso possa parecer, que integra o mito progressista do século XIX acreditava ter ultrapassado: a saber, os aspectos não racionais, instintuais, animais, que nos constituem. Nesse sentido, o momento festivo é um bom revelador desses arcaísmos renascentes. (MAFFESOLI, 2014, p. 223)

No momento festivo, o sentimento de pertença eclode e a razão perde a prioridade para o coração, “porque é isso que é o coração pulsante da (r)evolução societal em curso: a passagem de um ideal democrático, em que a razão exercia um papel maior, a um outro, o comunitário, em que o emocional será a virtude cardeal” (MAFFESOLI, 2014, p. 278). E na celebração o nós sobressai, pois a conexão entre as pessoas atinge seu êxtase, seu estágio mais elevado, “eu me perco no outro. Ou seja, eu só existo pelo e no *socius*” (MAFFESOLI, 2014, p. 219). Como se, em tal condição, fosse permitido estar mais à vontade, em aliviado contentamento “de aproveitar a festividade, de ser. É, a partir de então, o deslocamento do eu” (MAFFESOLI, 2014, p. 215). Um envolvimento mais real com as demais presenças.

[...] o ser pessoal só existe em relação, em correspondência com o outro. Os fenômenos festivos lembram que é a ocultação no grupo que favorece a emergência de si. Elas apenas destacam o diálogo que existe entre a vertigem (no grupo) e o reequilíbrio da integralidade da pessoa. A festividade é, portanto, somente a reminiscência do primitivo, do que serve de fundamento (arcaico) a todo viver-junto. (MAFFESOLI, 2014, p. 219)

Maffesoli (2014) utiliza o termo “domingo da vida” para ilustrar o clima que a festividade desempenha, momento esperado de relaxamento, não obrigações ou responsabilidades que permitem vivenciar o presenteísmo e o hedonismo. “O que anuncia um viver-junto em que o corpo em particular, o sensível em geral, vão ser elementos dos mais determinantes possíveis. É isso que destaca o momento festivo: uma ordem em que o amor será essencial” (MAFFESOLI, 2014, p. 234).

Para o autor, a libido, mencionada várias vezes em sua literatura, remete à energia de vivenciar o momento presente, não se reduzindo à sexualidade genital, já que pode ser

encontrada nos hábitos cotidianos. Ela é o prazer de viver e de experienciar a vida em sua completude. Sendo assim, o festivo e o papel do coração executam a função de afirmar que estamos vivos, representados pelo calor, animação e tesão pela vida. Ele nos fala do *affectus carnalis*, o afeto carnal como pulsão humana que goza o mundo.

Maffesoli (2014) afirma que onde o coração pulsa é onde há sentimento. O indivíduo escolhe sua tribo para celebrar a vida, ritualizar e encontrar sua expressão e inteireza.

Porque é isso que é o coração pulsante da (r)evolução societal em curso: a passagem de um ideal democrático em que a razão exercia um papel maior, a um outro, o comunitário, em que o emocional será a virtude cardeal. (MAFFESOLI, 2014, p. 278)

f) Conexão com a natureza, instintividade e sensibilidade ecológica

O vínculo com a natureza, o fluir dos instintos e os sentidos constituem uma forma de viver a pós-modernidade, segundo Maffesoli (2014). É a natureza do ser humano, de todo ser vivo, que chega a ser uma grande obviedade. E porque isso foi negado? Segundo ele, “a modernidade tinha, unilateralmente, enfatizado e construído o apanágio do *homo faber*, culminando na prevalência da economia e numa dominação da natureza que se pode medir os efeitos e malefícios” (MAFFESOLI, 2014, p. 67).

A tendência da racionalização produziu distanciamento e, nesse momento, está sendo necessário redescobrir a natureza, tomar a terra como mãe e se dar conta, de forma escancarada, sobre como somos totalmente dependentes e interligados a ela. Dessa maneira, “um humanismo bem mais vasto (seria possível dizer um humanismo integral?) reconhece que a essência do homem consiste em que o homem é mais que o homem só. Existe húmus nesse humanismo. A natureza (instintos, raízes) é parte integrante de sua elaboração” (MAFFESOLI, 2014, p. 77). Só não enxerga quem não quer ver ou quando se está distante da totalidade de ser em seu sentido originário, autêntico e sensível, pois existe uma série de possibilidades fantásticas na natureza. A sensibilidade é uma semelhança espelhada da natureza, e “é com essa naturalidade, essa primitividade do sonho que se pode ser capaz de compreender o sucesso de tal música, de tal filme ou tal coreografia. Tudo o que, alguém ou além da razão soberana, age sobre a dimensão animal do humano” (MAFFESOLI, 2014, p. 63).

O sentir é de origem natural, animal. Ora, estar vivo, ser vivo, é respirar e conectar-se pelos sentidos, por isso, o retorno ao selvagem é tão atual. O ajustar-se a uma natureza parceira é uma mudança fundamental de paradigma que está em curso. De acordo com autor,

Trata-se aí de uma inversão de polaridade por meio da qual o homem unidimensional característico da modernidade que acaba se transmutando em um homem relacional. Relação com a natureza, relação com os outros da tribo, relação com as forças misteriosas constitutivas do elã vital. (MAFFESOLI, 2014, p. 53)

O que demonstra a fusão do indivíduo com a natureza, com o todo. Ao se ver como natureza e reconhecer em nós os mesmos processos e desabrochares,

De qualquer que seja o nome que se queria chamá-lo: dinâmica (*dunamis*: força, energia, afeto libido, etc.) há uma pulsão inicial que, individual ou coletivamente, está na origem do elã vital, e garante seu comando principal. É esquecendo esse elemento fundamental que se chega a uma abstração da vida social, correlativa com o desenraizamento da planta humana. (MAFFESOLI, 2014, p. 46)

Segundo Maffesoli (2014), as pessoas estão vivenciando a vibração que vem do solo e ao entrar em contato com as suas raízes percebem que são pequenas e que esta conexão estabelecida é indispensável. Consoante o autor, “é isso que constitui o fundamento da ecosofia, ou seja, que o mundo dado é o mundo recebido. Interação constante do mundo animal e do mundo humano em uma inteireza” (MAFFESOLI, 2014, p. 66). Afinal, viemos do mato, da tribo, do banho de rio, da fruta no pé, dos pés descalços. Desse modo, “é, com efeito, importante lembrar que para o indivíduo em particular, assim como para a espécie em geral, é uma força instintual não racional que serve de base para a existência” (MAFFESOLI, 2014, p. 201).

g) Razão sensível, intuição razoável e o pensar com o coração

Seriam tais conceitos decifrados por uma sensibilidade com entendimento? Derivação do equilíbrio, um ajuntamento da razão e da emoção, sem negar uma ou outra, pensamento que possa atingir o coração por meio de uma razão sensível. Por isso, emocional é

[...] um termo cada vez mais utilizado, ao mesmo tempo na literatura erudita e na conversação do Café do Comércio. Ele deve fazer-nos ficar atentos à extensão da emoção que, ultrapassando a esfera privada, vai contaminar o

domínio público. Em resumo, o indivíduo racional se via atribuir uma função no âmbito de uma História em marcha em que tudo, potencialmente, era dominável. Para a ideologia funcionalista, a vida social, pode ser dominada na totalidade, ela pode ser “gerida”, no melhor dos casos, por intermédio de critérios objetivos, perfeitamente quantificáveis. (MAFFESOLI, 2014, p. 190)

A era da racionalidade deixou marcas profundas sobre a anulação do corpo, “o ego cartesiano é o herdeiro direto do indivíduo que se dedica, no âmbito da Economia da salvação, a alcançar, ulteriormente, a verdadeira vida, isto é, a vida celeste. E para assim, convinha dominar seus instintos, seus desejos, outras maneiras de chamar seus apetites” (MAFFESOLI, 2014, p. 191). Através do outro, das forças naturais e místicas, o indivíduo pode sair de sua mente e conectar-se ao sentir, um fazer-com que relativiza as certezas racionais. O outro consegue atingir meu coração, a natureza toca a pele e a espiritualidade consegue mostrar de forma simplista o quão pequeno um ser sozinho é. Sendo assim,

Nessa espécie de transmutação alquímica que são as agitações contemporâneas, ou ainda, no âmbito das agregações afetuais que são os compartilhamentos dos gostos tribais, assiste-se a uma verdadeira “dissolução” do eu no Outro marcando bem o deslizamento do racional para o emocional. (MAFFESOLI, 2014, p. 191)

E nesse envolvimento, percebe-se que a razão sozinha não basta, haja vista que a exacerbação de um ego racional tende a inverter-se em seu contrário (MAFFESOLI, 2014). O corpo é a condição vital para uma vida conectada, a mente é ferramenta poderosa, mas aliada à pulsação do coração, a ferramenta humana mostra-se mais potente.

É isso que a modernidade, apostando na vida recta da razão, quis esquecer. É isso que, de diversas maneiras, renasce em nossos dias. É comum falar de um “gosto inato”. O que isso designa senão uma espécie de razão sensível a partir da qual se fazem nossas escolhas, nossas maneiras de ser, nossas atrações e repulsas, fundamentos de toda vida em comum? (MAFFESOLI, 2014, p. 57)

Na modernidade ocorreu uma separação entre razão e sentidos. De acordo com Maffesoli, tanto o epicurismo quanto o estoicismo “[...] dão testemunho da radicalidade mundana de um gozo que sabe encontrar sua própria medida na interatividade que existe entre a razão e os sentidos” (MAFFESOLI, 2014, p. 252). O sentir não precisa ser um desmedido puramente emocional, não é essa a colocação; e sim, de uma medida, na qual se pensa com o coração, se intui de forma razoável e racionaliza-se com sensibilidade. O retorno dos afetos,

do emocional, coloca-nos outro paradigma, o de uma pessoa plural, cuja “socialização secundária” tem um papel a desempenhar em sua tribo (MAFFESOLI, 2014). A diferença na referenciação e no assimilar fazem a diferença para um estágio de presença e conexão.

Muito se fala em presença na atualidade, e, nesse exemplo, o papel quando tomado para si é sentido com o corpo, ou seja, nota-se a totalidade do indivíduo no papel executado, um fazer que também se dá com o coração e também com mais verdade. Assim, aceitar as imperfeições se torna uma nova característica do ideal comunitário, desempenhando, na pós-modernidade, o que se conceitua como *ens imperfectissimum* (MAFFESOLI, 2014, p. 184). Uma das justificativas da racionalidade é a precisão, a perfeição, a matemática aplicada nas decisões e ações na vida. No entanto, é mister reconhecer e valorizar a riqueza da vida cotidiana feita de instantes obscuros. Ao poder sentir e equalizar com a razão, a ponderação acontece e o ato de poder errar suaviza as expectativas e aproximam a vida de uma organicidade.

Dessa forma, o “racionalismo devastador” deixa de possuir o objetivo de atropelar os sentidos e se torna um instrumento capaz de permitir que o emocional ocupe, ao seu lado, o lugar de protagonista. A intuição (*in-tueri*, o ver no interior) passa a ser condição de possibilidade das descobertas científicas, permitindo compreender a união entre razão e sentidos (MAFFESOLI, 2014).

h) Participação mágica e mística, atmosfera energética, espiritual e artística

De acordo com Maffesoli, a importância do místico e do fantástico na vida cotidiana é a síntese da pessoa se ocupar com aquilo que dá aura e significação à sua existência e à da tribo. Assim, o autor nos convida a refletir sobre o que de fato significa o real na existência. Um real que não tem muito a ver com o famoso “princípio da realidade”, seja ele econômico, social ou político, mas que é a realização de um *modus operandi* característico da modernidade, que reduz a totalidade do ser às suas mais simples expressões.

O pós-modernismo caracteriza-se, portanto, pela junção entre razão e sentido. E para pensar a atmosfera mística, energética, espiritual e mágica vale lembrar a íntima união da alma e do corpo que garantem a dignidade do homem (MAFFESOLI, 2014), pois uma existência sem transcendência, fantasia, imaginação, imaginário e sonho é pobre. É preciso entender que o lugar cria ligação, e a explosão de si no outro é o cerne da experiência mística que enaltece o mistério na existência de cada um de nós, já que “é o seu ajuntamento dinâmico que vai exprimir-se em um viver-junto específico: o da mística em que cada um é

apenas elemento de um conjunto que ao mesmo tempo o ultrapassa e lhe dá sentido” (MAFFESOLI, 2014, p. 258).

Dentro de uma perspectiva espiritual, o autor ressalta a conexão com a natureza, o politeísmo incorporado que também elucida o paganismo. Além do monoteísmo judaico-cristão e/ou moderno, Maffesoli (2014) destaca o culto da terra-mãe, distinguindo e integrando o “corpo místico da teologia católica, o corpo sutil das tradições orientais, a egrégora da simbólica franco-maçom, tudo indo além do corpo anatômico, e fundando uma relação de pertença, de alguma maneira, uma erótica ampliada e generalizada” (MAFFESOLI, 2014, p. 258).

Por fim, segundo o autor, pode-se falar em “honoteísmo”, em que existe um pouco do divino em tudo e por toda parte. Ele nos convida a pensar sobre este misterioso elo social, uma concepção holística, de um mundo em que o material e o espiritual estão em sinergia na ecosofia, em que o todo é

[...] reforçado pela existência de rituais precisos, de costumes limitadores e até de modos de se vestir, que estruturam a comunidade em um conjunto tanto mais sólido que ela fica unida por uma aura espiritual de que é bem difícil, em nossos dias, negar a temível eficácia. (MAFFESOLI, 2014, p. 203)

Nesse contato com as múltiplas sensibilidades, a arte é canalização e fonte da expressão do mágico, do fantástico e da representação da própria existência. Ela é a espontaneidade da vida, do sistema vitalista que se desenvolve e se expressa “no cuidado de fazer da existência uma obra de arte do cotidiano” (MAFFESOLI, 2014, p. 259).

Maffesoli (2014) retrata um elo social em constante desenho na qual tal atmosfera energética está relacionada ao instinto, na compreensão do animal humano. Dessa maneira, ao reduzir o humano ao humano, esquece-se o animal que existe em cada um, “causa primeira da devastação do mundo, da destruição dos espíritos, resumindo, da gregária solidão” (MAFFESOLI, 2014, p. 76). Quando a união de humanos se faz, o corpo social ganha força, e assim forma-se uma alma coletiva, inconsciente, afetiva, da natureza.

i) Herança e histórias ancestrais, formas de organização arcaicas e tribais

Nas tribalizações contemporâneas nota-se, de forma evidente ou sutil, o reconhecimento pela ancestralidade e pelos modelos arcaicos, princípio de todo viver-junto, segundo Maffesoli (2014). E com a inspiração de voltar às origens, baseada na tradição tribal

que parecia unir a razão e sentimento, notórios de uma concepção mais integral e natural, o autor pontua que para se captar o coração pulsante do ideal comunitário, pode-se pegar emprestada a filosofia medieval, fundamento das agregações múltiplas que se constroem no mosaico da vida social. O contato com o instinto vem sendo buscado no processo de entendimento de que o corpo precisa falar e ser ouvido. Os espaços do sentir, do ócio, de interação, de interiorização, de criação, de descanso, de festividade, estão sendo buscados.

Tal envolvimento em formas ancestrais merece reflexão. Ele relativiza o grande mito do Progresso que caracterizou a modernidade, e que consistia em extrair-se das raízes culturais constitutivas do viver-junto, ou ainda, em abstrair-se dos modos de vida, maneiras de pensamento que estruturam a longo prazo uma cultura determinada. O retorno do ideal comunitário, a revivência da alma coletiva estão aí como levando em conta estratos ou embasamentos sobre os quais se erige toda vida em comum. Depois de um parêntese, o dos tempos modernos, eis que volta com força a afirmação dessas dobras. (MAFFESOLI, 2014, p. 172)

É interessante dimensionar esses aspectos arcaicos e quais seriam seus traços marcantes de “grupos primordiais” anteriores à mediação que privilegiavam estar-ser junto sem finalidade nem uso, sem a necessidade sobrevivente do produtivismo e sem estar refém do consumo que vem de fora ou da terra que não lhe é mais pertencente. Esses aspectos arcaicos, que naturalizam a existência e apontam para uma direção mais orgânica, transitaram para “um pretense individualismo proclamado, até a saciedade, de uma maneira encantatória, correspondente na vida concreta, um ideal comunitário que busca suas raízes na ancestral memória da espécie humana” (MAFFESOLI, 2014, p. 84).

Ao longo da história dessa sociedade, que se desenrola em formato de espiral, aconteceram sedimentações sucessivas, mas que carregam uma memória coletiva, indício evidente do “[...] enterramento do indivíduo no terreno comunitário, o que lhe permite uma vitalidade renovada, a do enraizamento dinâmico” (MAFFESOLI, 2014, p. 171). Nesse formato atual, o paganismo arcaico ressurgiu nas redes cibernéticas, em que a comunicação interativa e o relacionismo constante prevalecem. É o encontro do arcaico com a tecnologia.

4 A BUSCA POR COMUNIDADE NA REDE DIGITAL TEAR DOS SONHOS

Este capítulo fará a descrição do objeto de pesquisa, a comunidade Tear dos Sonhos, apresentando-se a ferramenta baseada nas observações e nas vivências internas no movimento, utilizando-se, igualmente, a narrativa contida na rede digital. Nesse momento da dissertação, relata-se brevemente as experiências negativas retiradas da Internet e os aspectos positivos, contra argumentados pelo movimento. Levanta-se alguns modelos reais que seguem a lógica colaborativa, cujo objetivo é ampliar o entendimento da proposta do objeto de estudo e a capacidade crítica para a interpretação dos fenômenos.

4.1 APRESENTAÇÃO DA FERRAMENTA BASEADA NAS OBSERVAÇÕES E VIVÊNCIAS INTERNAS NO MOVIMENTO

O Tear dos Sonhos tem como objetivo a realização de sonhos com apoio coletivo. É um fenômeno recente, e registra-se no Brasil sua atuação a partir de 2016 (SERPA, 2022), sendo propagado através da oralidade entre as mulheres que participam para a formação de mandalas para a vivência de um novo tipo de economia. A rede é autogerida por quem participa e possui a proposta ousada de ressignificação do dinheiro, motivo de controvérsias. Dessa maneira, existem relatos positivos e negativos das pessoas que viveram ou vivem essa experiência.

Nos discursos sobre a ferramenta, relata-se como proposta o resgate do sentido de economia como troca dos bens internos, levando-se em consideração trocas de presentes em dinheiro, caracterizadas como doações, e também trocas de afeto, conhecimentos e direcionamentos para uma maior conexão com a natureza.

A partir do meu desenvolvimento enquanto pesquisadora, atraída pelos processos comunicacionais de grupos e de comunidades e com a proposta de vivenciar a metodologia da pesquisa participante, deparei-me com a chegada da pandemia de Covid-19, em 2020, no momento da escolha definitiva do objeto que tivesse conexão com o tema pesquisado. O fato do Tear dos Sonhos ser uma comunidade digital tornou a pesquisa viável, além disso, considerei ser um estudo relevante pelo fato de ser um fenômeno polêmico.

Como adotei inicialmente a metodologia de pesquisa da “observação participante”, de Peruzzo (2016), realizei o estudo de dentro do movimento. Dessa maneira, minha perspectiva é trazer uma explicação neutra do propósito da ferramenta e de seu funcionamento.

Como o próprio nome sugere, o movimento tem como objetivo tecer sonhos e realizá-los, com proposta na ação coletiva e a potencialização dos interesses individuais. É atualmente uma ferramenta usada em alguns países, partindo da ideia de criação de círculos de mulheres e também, em casos específicos, de homens. Porém, trataremos aqui apenas do movimento voltado para o público feminino no Brasil, sendo a linhagem Raiz de Luz o recorte analisado.

O Tear dos Sonhos é considerado um movimento, dentro dele estão vários círculos de mulheres que são chamados de “mandalas” e que, na verdade, são pequenos agrupamentos. Cada mandala promove encontros *online* pelo aplicativo Zoom Meetings e mantém o vínculo entre as pessoas por *chat* no Whatsapp ou no Telegram. As mulheres participantes também conversam no privado, via ligação por aplicativo, e as que estão em distância física próxima podem se encontrar, conforme o interesse delas.

O objetivo de cada grupo está voltado sempre para a realização do sonho de uma mulher, que é colocada no centro para ser cuidada e presenteada através de doações espontâneas para que seu sonho seja materializado. Essa mulher escolhe o nome da mandala e as intenções que serão reverberadas ao longo da jornada de realização desse propósito.

O funcionamento dessa jornada acontece na passagem pelos cinco elementos da natureza: fogo, vento, terra, água e éter, conforme imagem a seguir:

Figura 1 - Estrutura da mandala



Fonte: Biblioteca oficial do Tear dos Sonhos (Elaborado pela autora)

Na ferramenta relata-se que cada elemento possui compromissos e aprendizados. No fogo, a mulher é convidada para adentrar no movimento e no grupo. Nesse elemento, a mesma é convidada para doar cinco mil e quatro reais para a participante que está no centro da mandala, elemento água, e que já vivenciou os demais elementos. Pontua-se que a doação

é livre de qualquer expectativa de retorno, caracterizando a ação como presente e não como um investimento. É explicitado para as mulheres que são convidadas a participar que não é necessário possuir esse dinheiro, visto a atual realidade econômica desigual, e fica o convite para a possível manifestação do valor de forma criativa e co-criada. Nota-se que esse é um dos *insights* que a vivência no elemento fogo traz para quem se identifica com o propósito do movimento. Existe nesse aspecto um convite para a ressignificação da forma de lidar com o dinheiro. O ato de doar e receber é interpretado como instrumento de empoderamento e não de empecilho. Essa linha de raciocínio difere muito do que vivenciamos em nossa cultura e ao que fomos ensinados ao longo de nossas vidas.

No elemento vento, os relatos são que a mulher tem como compromisso exercitar a comunicação e convidar duas novas integrantes para vivenciarem a jornada de desafios e de aprendizados propostos, fortalecendo o sonho de uma outra mulher. Neste elemento, a mulher exercita a oralidade, a clareza na comunicação e o vínculo com suas relações. Fala-se também no Tear que este é o momento de se lidar com as críticas de quem não entende ou não concorda com a lógica do movimento, experimentando, assim, a reafirmação do que realmente faz sentido para ela. No vento, a mulher coopera igualmente com a mulher que está passando pela fase do fogo, de manifestação e de doação. Segundo a observação dos repasses da comunicação do movimento, é o elemento vento que faz o movimento acontecer, e não cabe nesse elemento algo similar com venda ou convencimento de alguém, e sim, conexão com pessoas que sejam tocadas pela experiência contada e que sintam vontade de vivenciar a jornada proposta.

No elemento terra, o compromisso é cuidar da mandala de forma geral, alimentar o *chat* do grupo com conteúdos, organizar as reuniões *online*, recordar diariamente todas as integrantes sobre o objetivo do Tear e os compromissos que cada uma deve cumprir. Em terra, a participante passa a ter acesso às bibliotecas e pode visualizar a abrangência do movimento, recebendo materiais de outros círculos. O movimento afirma, em suas narrativas, que a mulher que está no elemento terra precisa acionar sua firmeza e segurança para cuidar de todas as mulheres, assim como mediar as situações específicas de cada mandala.

No elemento água, a integrante que já passou por todos os demais elementos exercita firmar seu sonho e abre-se para receber a ajuda de outras mulheres para a concretização material do mesmo. O sonho pode ser pessoal ou de cunho social, sendo necessário o incentivo material para a sua concretização. Nesse elemento, a participante exercita a aceitação das doações.

No elemento éter, a mulher deve zelar pela mandala. Ela fica como conselheira e guardiã daquele grupo, em prontidão para ajudar as mulheres que estão no caminho do fogo em direção à água. Uma mulher fica no éter até que todas as outras mulheres que a presentearam concluam sua jornada.

As integrantes de uma mandala podem estar ou residir em diferentes cidades, países, diferentes classes sociais e realidades. Uma mandala comporta até 18 mulheres, sendo composta por uma água, até duas terras, até quatro ventos, até oito fogos e três guardiãs do éter. Cada água pode ser presenteada com até oito presentes no valor de quatro mil e cinco reais, que totalizam aproximadamente quarenta mil reais, ou não receber nenhuma doação.

Quando os compromissos do elemento fogo são cumpridos por todas as integrantes da roda, ou quando a mulher que está em água e/ ou na terra percebem que é o momento de comum acordo, as integrantes dizem que a mandala gira e novas duas mandalas são formadas. Em alguns casos específicos apenas uma mandala é formada. A mulher que estava em fogo vai para o vento, a que estava em vento vai para a terra, a terra para a água e a que estava em água para o éter nos seus três estágios, até que as mulheres que a presentearam sejam presenteadas e a mesma não precise mais zelar. De acordo com o Tear, cada giro realizado simboliza a troca de elementos e, conseqüentemente, de compromissos e de aprendizados.

Para a realização da economia alternativa, a ferramenta relata que possui como objetivo auxiliar mulheres em seu desenvolvimento pessoal, emocional, intelectual, financeiro e espiritual através dos encontros *online*, conversas que trazem histórias pessoais, troca de saberes, vivências e materiais em variados formatos: textos, listas de perguntas, meditações, *podcasts*, imagens, vídeos, músicas, dentre outros.

As integrantes do movimento Tear dos Sonhos dizem que a proposta é que os processos aconteçam de forma circular e coletiva. Elas afirmam que todas possuem a oportunidade de dar e receber sem expectativas, e são convidadas a vivenciar a confiança na conexão com o fluxo da natureza que simboliza a harmonia entre todos os seres. Na transmissão oral sobre o movimento, existem orientações sobre a importância de se pontuar que não deve haver promessas ou garantias com relação à doação feita. O movimento possui alinhamentos e princípios éticos documentados que são a base dos valores e condutas para a participação das integrantes. Esses fundamentos são os norteamentos para as ações de quem participa.

É colocado pelo movimento Tear a importância da autogestão e da autorresponsabilidade. A partir do significado dado pelas integrantes, a autogestão significa que quem faz o movimento são todas as mulheres que dele participam, ou seja, não existe um

dono, a administração é organizada pelas próprias integrantes, levando-se em consideração o aconselhamento das mais antigas. A autorresponsabilidade significa assumir, na primeira pessoa, todos os resultados das experiências, sem projeções no outro e, sim, a partir das próprias escolhas, discernimento e ações.

Sobre sua origem, durante a transmissão oral das participantes, é informado que o Tear surgiu da observação e de estudos das práticas de ajuda mútua entre mulheres em comunidades africanas. E assim, o movimento se desenhou e é inspirado nas dinâmicas comunitárias dos povos originários. A comunicação da ferramenta acontece através da narrativa oral.

Por outro lado, o Tear recebe ataques e críticas por seu propósito e lógica estabelecida, sendo comparado com a estrutura de pirâmide, golpe que possui variados questionamentos matemáticos sobre o seu desdobramento. As acusações acontecem por meio de vídeos, textos, *podcasts* e relatos, seja de quem não participou, seja de quem entrou e desistiu do projeto, com o objetivo de influenciar as demais pessoas para a não participação. Já dentro da rede, várias mulheres contam relatos positivos da jornada estabelecida com a concretização de sonhos realizados por meio do apoio das doações, bem como amizades construídas e saberes absorvidos ao longo do processo.

4.2 EXPERIÊNCIAS NEGATIVAS, RELATOS NA INTERNET E PROCESSOS JUDICIAIS

Com diversas críticas na Internet realizadas por pessoas que não participaram ou por ex-participantes, diversos relatos apontam o Tear dos Sonhos como golpe financeiro que possui roupagem feminista ou como esquema de pirâmide financeira, sendo pontuado em alguns canais como crime de estelionato, abuso e manipulação de mulheres em situação de fragilidade.

Com a apropriação de simbologias interessantes que usam aspectos espiritualistas, o sagrado feminino e teorias quânticas, alguns indivíduos contam que todo esse conjunto de artefatos são utilizados para acessar o “bom do coração” das pessoas com a ideia da desconstrução de padrões financeiros, e no convite para a prática de uma vivência em grupo de mulheres com o objetivo de desmistificação da competitividade feminina e o resgate da irmandade.

No entanto, as expectativas geradas podem gerar falsas ilusões e prejudicar muitas mulheres. O movimento é comparado com uma pirâmide financeira, pois no compromisso do

elemento vento na jornada proposta, cada integrante precisa convidar pessoas, e isso indica uma lógica insustentável. Baseado em argumentos matemáticos, calcula-se que a conta não fecha, sendo impossível que todas as pessoas sejam contempladas. A gravidade das expectativas criadas causa repercussão.

Denominado como o “velho golpe”, julga-se que o Tear usa da carência financeira e afetiva de muitas pessoas com a promessa de autonomia financeira para suprir necessidades básicas da mulher numa sociedade patriarcal. Críticas apontam o Tear como um conjunto de micro abusos por tomar muito tempo e afastar as pessoas envolvidas de sua própria comunidade. Indagações sobre a real mudança de vida ao ganhar 40 ou 100 mil reais são feitas, e questionamentos acerca dessa monetização endossam a discussão.

Mulheres que não participaram discutem sobre a ferramenta no *podcast* do programa *Olhares*, no Spotify, conforme imagem a seguir:

Figura 2 - Podcast *Olhares*



Fonte: [https://open.spotify.com/episode/4LCO9OxAbyhfghKWUBy2Ip#_ =](https://open.spotify.com/episode/4LCO9OxAbyhfghKWUBy2Ip#_=)

Neste episódio aponta-se que o Tear ocupa um espaço vazio atualmente, preenchendo a fragilidade e a necessidade de mulheres em serem aceitas, acolhidas, ouvidas, na geração da relação de pertencimento. O que se argumenta é que o Tear repete o que o capitalismo já faz, por isso, acaba sendo perverso e funciona como esquema de agiotagem.

Em alguns canais da Internet, existem relatos que amedrontam as pessoas dizendo que as mulheres podem ser presas ao participarem da ferramenta. Qual seria a expectativa real de

uma mulher ao entrar nesse movimento? Investimento financeiro ou doação associada ao desejo de realizar sonhos em conjunto? Expectativa de retorno multiplicado ou vivência comunitária e prática da economia alternativa? A grande massa de pessoas está preparada para esse tipo de estrutura? Seria esse sistema proposto inovador? Ou um sistema que simplesmente não funciona na realidade atual ou até uma ferramenta não sustentável a longo prazo? Onde estão as mulheres que possuem experiências positivas para contar seus relatos?

Por ser uma ferramenta que movimenta dinheiro, um dos alinhamentos colocados pelas que fazem parte durante muito tempo do Tear foi a confidencialidade e a não exposição do movimento. O fato de não expor as envolvidas, fez com que o movimento ficasse sem posicionamento para quem está de fora, principalmente nas pesquisas na Internet. Recentemente foi criado um portal do Tear que explica em detalhes como funciona a ferramenta, conforme imagem a seguir:

Figura 3 - Tear dos Sonhos



Fonte: <https://teardossonhos.com/>

O movimento causa impacto social e pode intervir na vida de pessoas de forma positiva ou negativa. É importante ponderar o tamanho da responsabilidade na transmissão oral de como o movimento é articulado, em como a ferramenta é comunicada e apresentada, já que, na maioria dos casos negativos encontrados na internet, evidencia-se entendimentos diferentes do que é colocado dentro do movimento. Dessa forma, quaisquer erros na comunicação ou na omissão de pequenos detalhes podem gerar confusões.

Mesmo diante da inovação pretendida, ainda existem relatos que, em certos casos, as próprias participantes do movimento fazem confusões e, ao invés de gerarem empoderamento, causam pressão psicológica no momento da doação. É importante ressaltar que o entendimento de que o movimento é marcado pelo relacionamento humano, por si só complexo e dual.

4.3 ASPECTOS POSITIVOS E CONTRA-ARGUMENTOS DO MOVIMENTO

De acordo com o *podcast Café da Manhã* do jornal *Folha de São Paulo* (12/03/2021), um juiz indeferiu recentemente um processo judicial alegando não ter provas que o movimento seja pirâmide financeira, comparando a ferramenta com a lógica das doações feitas a igrejas. Ao fazer a doação à integrante que presenteia, na realização do sonho, a doadora entrega uma carta na qual desvincula de qualquer expectativa de retorno, devolução, benefício ou rendimento financeiro futuro, para que a donatária faça livre uso da doação como melhor lhe aprouver.

No aspecto financeiro, presentear em forma de dinheiro caracteriza um ato de doação legal, sem nenhuma expectativa de retorno, conforme o Art. 538 e seguintes do Código Civil Brasileiro (CCB, 2022). Assim, doar significa oferecer sem esperar nada em troca, transferir a posse de algo de valor para alguém com liberdade de usufruir da melhor maneira que lhe convém.

A ferramenta Tear afirma não ser uma plataforma de investimento, na qual se entra com a expectativa de retorno. As trocas e a comunicação ocorrem por meio da oralidade, havendo transparência sobre a diferença entre doação e investimento. É afirmado no movimento que a compreensão é um ponto-chave quando se convida alguém, e quando essa pessoa adentra a rede fica esclarecido a não expectativa de retorno como algo similar ao investimento. Relata-se que o retorno pode acontecer e essa é a proposta, mas de forma natural, cooperativa e grupal, diferente do sistema de pirâmide que prega investimento e retorno, exigindo-se o aumento progressivo de outras pessoas.

No Tear essa questão não é obrigatória. O convite pode ser o relato de uma experiência vivida, ou simplesmente o conectar-se com pessoas que estejam buscando esse viés de pensamento e ações. O “convite” não significa venda, convencimento ou levar pessoas. A comunicação colocada no elemento da integrante que está no vento é a de geração de mudança, a contagem das vivências positivas que estão sendo vividas e o exercício de uma comunicação que tenha coerência com o que está sendo sentido e não que tenha interferência

pelas críticas e dificuldades de aprovação. A não chegada de pessoas não é impedimento para que as mandalas se encerrem e se criem novos grupos.

Outro ponto importante que difere o movimento Tear do esquema de pirâmide financeira é que não existe um dono, uma pessoa jurídica que coordene a ferramenta. As doações são feitas para pessoas físicas, para a conta de cada mulher que está sendo apoiada. Não existem organizadoras, pois todas administram o movimento e as mulheres que estão há mais tempo no movimento auxiliam as mais novas.

Percebe-se que quem relata negativamente sobre o Tear são, muitas vezes, pessoas que não participaram do movimento e que se baseiam em relatos negativos de outras pessoas que criaram expectativas desassociadas da proposta real colocada pelo movimento, seja por não terem entendido a intenção da ferramenta ou por terem sido apresentadas ao movimento sem riqueza de detalhes e de explicações importantes.

A proposta de se iniciar com uma doação é o desafio de um paradigma baseado na recompensa. Deve-se considerar que existe, realmente, a busca por uma desconstrução da lógica imposta pelo sistema econômico atual, como uma nova forma de relacionamento com o dinheiro, com as relações e com a vida. Valores como a confiança, o amor, a solidariedade, a autonomia e o altruísmo são buscados. Com o objetivo de fomentar uma cultura de dignidade para toda a humanidade, o Tear dos Sonhos afirma cocriar uma nova economia.

Muitas pessoas tratam projetos como o Tear, que possuem doações em valor monetário alto, como um tabu e deslegitimam sem se aprofundarem em seu funcionamento e em suas propostas. É válido pontuar a liberdade de expressão de decisão em querer fazer parte ou não do movimento. A seguir temos algumas imagens retiradas do portal da ferramenta que exemplificam melhor as nossas ponderações:

Figuras 4, 5, 6 e 7 - Tear dos Sonhos

TEAR DOS SONHOS

O que é?

- » Projeto de Ajuda Mútua, composto majoritariamente por mulheres, que passam a transformar suas vidas e de seus familiares;
- » Jornada de autoconhecimento, transformação pessoal e empoderamento;
- » Movimento de profunda doação nas suas mais amplas formas;
- » Ferramenta para aprender a superar desafios amparadas umas pelas outras, pelo direito de Sonhar e realizar;
- » Universidade livre que trabalha a cura do Sagrado Feminino através de palestras das mais diversas temáticas e muitas outras vivências oferecidas diariamente online;
- » Caminho de reconexão interna, com os elementos da natureza, honrando os nossos ciclos e o ritmo lunar;
- » Irmandade para pessoas ousadas vivenciarem o que é estar em Rede.



Autoconhecimento

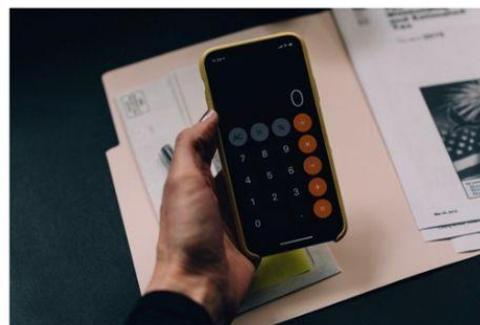


Desafios da Jornada



Aspectos Legais

O Tear dos sonhos é um movimento sustentado por três pilares de liberdade: de associação, de reunião e de doação.



Aspectos Tributários

No Brasil é perfeitamente legal oferecer doações em dinheiro para uma outra pessoa. Segundo a legislação vigente, essas doações podem ser declaradas no Imposto de Renda e sobre elas não há imposto cobrado (pois é um "rendimento não tributável").

brir "https://teardossonhos.com/aspectos-legais/" em uma nova aba

HOME TEAR DOS SONHOS ASPECTOS LEGAIS ECONOMIA **A JORNADA** ABAIXO ASSINADO CONT.




designed by VEXELS

A importância de realizar e viver seus sonhos

Autorresponsabilidade

Ser Autorresponsável significa assumir, na primeira pessoa, todos os resultados de nossas experiências.

Fonte: <https://teardossonhos.com>

4.4 COLABORAÇÃO E ORGANIZAÇÕES CIRCULARES: EXEMPLOS REAIS PARA AMPLIAÇÃO DO ENTENDIMENTO

O Tear dos Sonhos propõe uma vivência comunitária pautada na colaboração, propõe-se retratar alguns outros exemplos de modelos que operam na atualidade seguindo a lógica colaborativa, no intuito de ampliar o entendimento da proposta do objeto estudado e a capacidade crítica para a interpretação dos fenômenos. De acordo com Stangl,

O trânsito da nossa mente constrói o sentido da rede sociodigital: somos o que e onde navegamos. A rede é como uma imagem fractal, na qual cada um de nós reflete o todo. A fragmentação do sentido é também a distribuição do poder de significação entre elos de sentidos. Cada nó reflete em si mesmo o sentido global da rede. O sentido da conexão é a consciência do instante e é

quando nos conectamos que atualizamos nosso sentido comum, como as células/abelhas de uma colmeia. (STANGL, 2010 p. 9)

As formas de cooperação representam algo muito antigo na história da humanidade e demonstram que quando as pessoas se juntam, produzem muito mais do que produziriam individualmente. O cooperativismo poderia ser utilizado como instrumento para uma melhor distribuição de renda e crescimento socioeconômico das economias emergentes. É uma forma de somar capacidade dentro de um mundo de concorrência. É uma forma de preservar a força econômica e de vida dos indivíduos de um mesmo padrão e tipo, com objetivos comuns e com as mesmas dificuldades. Segundo Sales (2010), as cooperativas quase sempre surgem em momentos de dificuldades e da consciência da fragilidade do homem dentro do mundo em que atua.

De acordo com a OCB (2022), a primeira cooperativa, seguindo o modelo que conhecemos atualmente, foi criada durante a Revolução Industrial, em 1844, na cidade de Rochdale-Manchester, no interior da Inglaterra. Nesse período de transição, na Europa, muitas pessoas que trabalhavam artesanalmente passaram a ser substituídas por máquinas. Os operários eram explorados e trabalhavam em condições degradantes até que alguns começaram a se revoltar contra o sistema. Assim, um grupo de 28 tecelões, dentre eles uma mulher, se reuniram para montar seu próprio armazém. Eles compravam alimentos em grande quantidade, conseguindo preços melhores pelos produtos, e dividiam igualmente entre todos os cooperados. Após doze anos, a cooperativa ainda resistia e chegou a somar 3.450 integrantes.

No Brasil, o movimento cooperativista se iniciou oficialmente com o ramo agropecuário, a Cooperativa Econômica dos Funcionários Públicos de Ouro Preto, em Minas Gerais, em 1889. Já no Rio Grande do Sul, foi criada a primeira cooperativa, em 1902. O padre suíço Theodor Amstad fundou a cooperativa Sicredi Pioneira, na cidade de Nova Petrópolis. Na época, ela foi criada porque o município não contava com nenhum banco. Essa é a primeira cooperativa de crédito no Brasil e existe até hoje. Para que o cooperativismo fosse difundido e se tornasse reconhecido, em 1969 criou-se a Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB), entidade que representa este modelo de trabalho no país.

Outro método que reproduz valores colaborativos, porém vinculado às estratégias capitalistas é a cocriação, que possui como objetivo o resgate de práticas de criação coletiva e valoriza a integração de pessoas para gerar melhores processos. É uma forma de inovação que acontece quando as pessoas se associam, agregando valor, conteúdo, conhecimento e

experiências para um projeto ou um negócio. Em determinadas situações, os indivíduos desejam criar algo, mas sentem-se sozinhos ou lhes falta alguma habilidade específica. A partir da cocriação é possível associar-se a outros indivíduos que tenham relação direta com o que se pensa criar ou desenvolver. No universo corporativo existem exemplos práticos como o *case* da Natura, de 2016.

A iniciativa criou uma rede para os desafios de inovação, sendo um programa aberto para todas as pessoas que se identificam com a marca e que desejam colaborar ou cocriar com a empresa, conforme imagem a seguir:

Figura 8 - Natura



Fonte: <http://cocriando.natura.net/cs/cocriando/homecocriando>

Jenkins (2014), ao examinar comunidades virtuais de fãs, *bloggers* e *gamers*, deu o nome de “cultura participativa” a esse novo ambiente composto de sujeitos que não mais esperam que instituições, empresas e governos deem conta de resolver problemas e providenciar os únicos canais de informação disponíveis. Pelo contrário, são sujeitos ativos que desejam colaborar com os processos criativos da sociedade. Dessa forma, “em vez de falar sobre produtores e consumidores de mídia como ocupantes de papéis separados, podemos agora considerá-los como participantes interagindo de acordo com um novo conjunto de regras, que nenhum de nós entende por completo” (JENKINS, 2014, p. 30). A Wikipédia é um bom exemplo de cultura participativa.

Outro conceito que inclui a colaboração é o “ecossistemas da inovação”, espaços relacionais nos quais predominam a coletividade da aprendizagem, o compartilhamento de práticas eficazes de gestão, a transferência de saber e a otimização de processos por meio de inovações tecnológicas. Trata-se de um conjunto de comunidades (corporações, *startups*, universidades, parques tecnológicos de grandes instituições de ensino e agências

governamentais) que ocupam determinado local, interagindo entre si e com o meio para constituir um sistema equilibrado e autossuficiente. Este espaço de estímulo na promoção de novas ideias, dentro e fora dos muros de uma organização, aproveita a criatividade de múltiplos talentos para, assim, reforçar a prática de tomar decisões estratégicas. Afinal, duas – ou mais – cabeças pensam melhor que uma.

A economia colaborativa também é um exemplo. O modelo tem como foco partilhar bens e serviços em vez de adquiri-los. Isso pode ser feito na forma de aluguel, empréstimo ou em outro formato de negociação. Nesse cenário, as empresas também podem participar ao dividirem o uso ou a aquisição de um produto ou serviço, possuindo o viés de substituir a aquisição de algo pelo uso coletivo desse bem. Nesta proposta, os consumidores necessariamente não se conhecem, e reúnem-se por intermédio de um grupo, empresa, associação ou cooperativa para adquirirem bens em comum. De acordo com estudo da CNDL/SPC (2018), 89% dos brasileiros que utilizaram esse modelo colaborativo ficaram satisfeitos com a experiência. Alguns exemplos de economia colaborativa são Airbnb, DogHero, Enjoei, My Open Closet, Yellow Bike, Uber, Blabalcar, Mercado livre e Couchsurfing. Porém, esse modelo não é tão novo assim, haja vista que aluguéis de roupas de festa e de carros já estão no mercado há algumas décadas.

Já a “economia solidária” é um modelo de produção alternativo, cujos princípios básicos são a propriedade coletiva. Costuma-se ainda se definir como um modo de produção de posse coletiva, autogestão e busca de igualdade. Geralmente, os negócios são geridos pelas próprias pessoas, coletivamente, de forma inteiramente democrática, quer dizer, cada participante tem direito a um voto. A Cooperativa Paulista de Teatro é um exemplo do que estamos falando.

Figura 9 - Cooperativa Paulista de Teatro



Fonte: <https://www.cooperativadeteatro.com.br/cpt>

4.5 FORMATOS DE ORGANIZAÇÃO CIRCULAR

Uma constatação a ser feita com base na comunidade Tear dos Sonhos diz respeito à adoção do conceito de circularidade, por isso, procurou-se aplicações reais para corroborar tal observação. Ressalte-se, contudo, que não é o objetivo dessa pesquisa se aprofundar nos modelos de gestão, mas sim, trazer um contexto sobre as diversas aplicações da gestão circular.

O círculo é, ao mesmo tempo, uma forma antiga e nova de organização humana. Para Para Freire (1981), é um formato capaz de criar um ambiente no qual todos ensinam e aprendem. No sistema atual, temos alguns exemplos práticos de gestão circular aplicados na educação, em modelos de gestão e em conceitos governamentais. Na educação, o autor criou o Círculo de Cultura, método desenvolvido para a construção do conhecimento por meio do diálogo, fator básico e necessário à prática pedagógica democrática. Esse método inclui também a participação, o respeito ao outro, o trabalho em grupo e a dinâmica de uma construção contínua. Os Círculos de Cultura são espaços nos quais se ensina e se aprende.

Já no mundo corporativo, algumas empresas optam pelo organograma circular para representar sua estrutura organizacional e, com isso, buscam não apenas ressaltar a capacidade decisória do líder no centro, mas também, ressaltar o caráter de unicidade entre as demais divisões. Acredita-se que, por meio da representação circular, é possível identificar de forma mais clara a importância da atuação em grupo entre diferentes áreas ou divisões para o alcance dos objetivos estratégicos da organização.

Conhecidas como organizações que aprendem, *learning organization*, são formatações capazes de gerar autodesenvolvimento. De acordo com Handy, as empresas “necessitam se transformar de forma consciente em empresas de aprendizagem, locais onde a mudança seja

uma oportunidade, onde as pessoas possam crescer à medida que trabalham” (HANDY, 1992, p. 195).

Existem múltiplas estruturas organizacionais e modelos de gestão que trazem às empresas sistemas horizontais e colaborativos, como *management 3.0*, holocracia e sociocracia 3.0. Ao lado desses modelos, pode-se encontrar a proposta de organizações orgânicas (O2), uma tecnologia social que ajuda organizações a se tornarem mais adaptativas com um sistema de decisões descentralizado e hierarquia flexível, oferecendo, assim, mais oportunidade de desenvolvimento humano.

4.6 CONSIDERAÇÕES SOBRE OS EXEMPLOS DE COLABORAÇÃO E ORGANIZAÇÃO CIRCULAR

Ao observar exemplos de colaboração na vida prática, nota-se que estamos reaprendendo a desenhar uma vida mais colaborativa no meio de um contexto que não contribuiu para que pensássemos assim. A sensação é como se estivéssemos resgatando algo do passado, muito simples ou até mesmo natural, mas que se tornou complexo na sociedade em que vivemos.

Na circularidade, passamos a ouvir o outro e a reconhecer o seu poder. Nessa estrutura, há abertura para notar que existem vários pontos de vista e não somente uma única verdade. Nessa espécie de vivência, nota-se o estímulo à autonomia, auto responsabilidade, transparência, entre outros aspectos particulares a cada agrupamento.

Sabemos que vivemos em uma sociedade com um pensamento ainda muito hierarquizado, de heranças escravocratas, com idealizações de pedestal, superioridades e submissão nas relações. Desse modo, desconstruir os resquícios de estruturas em que imperam superioridades e inferioridades podem ser caminhos interessantes para as relações. A possibilidade de fazer o rearranjo de novas maneiras de fazer é algo contínuo e constantemente transformado. Enfim, observar os elementos naturais e seus movimentos podem trazer grandes inspirações.

5 METODOLOGIA DE ANÁLISE: ARTICULAÇÃO ENTRE A OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE E A ANÁLISE DE CONTEÚDO

Este capítulo é dedicado a esclarecer os processos de análise que foram feitos, bem como descrever os passos metodológicos para a realização do teste empírico e relatar a trajetória de pesquisa. Dessa maneira, articula-se uma interpretação entre as metodologias da observação participante (PERUZZO, 2016) e da análise de conteúdo (BARDIN, 2011). É importante esclarecer que estive como pesquisadora dentro do grupo Tear dos Sonhos na realização da observação, de forma *online*, no período de maio de 2020 a agosto de 2021, totalizando 15 meses.

5.1 METODOLOGIAS UTILIZADAS E APOIO TEÓRICO NA SIGNIFICAÇÃO DE AFETIVIDADE

O problema levantado nesta dissertação diz respeito à fragilidade observada na sustentação de grupos e de comunidades, ou seja, a continuidade desses agrupamentos. Sabendo que a comunicação é uma ferramenta de grande importância, a hipótese é que a afetividade na comunicação é um fator relevante para a manutenção de grupos. Assim, o objetivo é investigar em que medida a afetividade está presente na comunicação do objeto Tear dos Sonhos, que possui uma estrutura grupal e colaborativa. Para aprofundar os questionamentos levantados anteriormente, apoiaremos nossas análises na observação participante, de Peruzzo (2016), e na análise de conteúdo, de Bardin (2011), recorrendo-se à categorização de temas, baseados na significação do termo afeto segundo a base teórica de Maffesoli (2014).

Ao longo do meu processo de pesquisa no mestrado, desde o seu início, o que me atraiu foi a curiosidade na observação do funcionamento e desdobramentos dos grupos e comunidades. Cogitei, a princípio, vários objetos, tive dúvidas quanto à escolha da metodologia e me identifiquei primeiramente com a observação participante, pelo fato de gostar de participar ativamente e enxergar as coisas de dentro. No entanto, me deparei com a chegada da pandemia de Covid-19, em 2020, e a necessidade da escolha definitiva do objeto que tivesse conexão com o tema pesquisado.

O fato do Tear dos Sonhos funcionar como um agrupamento digital, enquadrando-se na temática pesquisada e, diante do afastamento social provocado pela pandemia, foi a opção

viável encontrada. Por ser um fenômeno não usual ou tradicional, igualmente me chamou a atenção e a curiosidade. Como o Tear é um objeto polêmico, interpretei que o estudo pudesse ter relevância social naquele dado momento, entretanto, no decorrer da pesquisa, na qualificação e na observação participante, compreendi que a polemicidade tornava o processo científico ainda mais complexo e exigia um cuidado especial. Em dado momento, notei meu envolvimento emocional e, por isso, precisei interromper a participação no grupo e distanciar-me do objeto por alguns meses. O intuito foi reequilibrar a emoção com a razão e retornar com uma postura neutra diante do objeto para a conclusão da pesquisa. Neste momento de afastamento da participação do objeto, a pesquisa centrou-se prioritariamente no entendimento e na interpretação do conceito de afetividade, proposto por Maffesoli (2014).

Percebo que o tempo de distanciamento foi fundamental para o desenvolvimento da pesquisa, afinal, analisar a afetividade, que envolve a amplificação do sentir, estar imersa participando do objeto e ao mesmo tempo lidar com a seriedade de me colocar diante de objeto polêmico, que carrega muitas críticas, com imparcialidade, não foi uma equação simples de encontrar.

A princípio, a pesquisa iria se balizar pela metodologia da observação participante, seguindo todas as fases, incluindo a aplicação de questionários, grupo de discussão, elaboração do diagnóstico DAFO (Debilidades, Ameaças, Fortalezas e Oportunidades) e, para finalizar, o retorno social ao grupo pesquisado. A ideia era usar a análise de conteúdo para interpretação das respostas dos questionários e relatos do grupo de discussão. A pesquisa participante realizou as duas primeiras etapas, assim como a elaboração do questionário. O projeto foi submetido à Plataforma Brasil, já que envolvia seres humanos e foi parcialmente aprovado em 2021, cujo retorno veio com alguns detalhes a serem ajustados. Foi exatamente quando fui elaborar as perguntas do questionário, com base nos parâmetros da literatura de Maffesoli (2014) sobre afetividade e não participação ativa. Quanto retomei a pesquisa, precisei submeter o projeto novamente para a Plataforma Brasil, pelo motivo de ter ultrapassado o tempo de resposta ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), que considera até 90 dias para o retorno. Feito isso, eu estava apenas aguardando para dar continuidade à aplicação dos questionários, quando chegou a notificação da UFJF sobre o prazo da defesa. Por conta do período de isolamento social exigido pela pandemia de Covid-19, tivemos alterações no prazo de conclusão. Como o CEP pediu um prazo extenso de resposta que não cabia para a data da defesa, e por isso, resolvi adotar uma medida nova para a conclusão do teste empírico, a inclusão da análise de conteúdo baseada em diálogos do grupo de comunicação interna do Tear dos Sonhos no Telegram. Essa medida teve o consentimento do meu antigo

orientador que saiu de férias e está se desligando do programa por motivo de aposentadoria, e da minha antiga co-orientadora, que se tornou a minha orientadora.

Ao invés da aplicação dos questionários e da formação do grupo de discussão para a captação de dados, que havia planejado anteriormente, recorri como fonte de análise ao canal de comunicação oficial, no Brasil, do Tear dos Sonhos, grupo na mídia Telegram. Foi uma medida tomada para encurtar o tempo da entrega do trabalho. Ao mesmo tempo, notei grande efetividade para a fechar a pesquisa, já que não dependia apenas de uma amostra, e naquele grupo contava com todas as participantes presentes responsáveis pela comunicação interna do grupo. É importante salientar que o movimento e o objeto de pesquisa é o Tear dos Sonhos, linhagem feminina Raíz de Luz, pois existem outros desdobramentos, também chamados de Tear, com outros nomes e funcionamento de mandalas, mas essa pesquisa não inclui essas variações.

Como recorte de tempo, foi delimitado o período de um mês de comunicação dentro deste grupo do Telegram para fazer o teste empírico e avaliar a presença da afetividade na comunicação.

5.2 PESQUISA PARTICIPANTE E OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

A pesquisa participante ocorre quando o investigador se insere no ambiente natural do grupo que está sendo investigado. O pesquisador está sempre presente dentro do ambiente para que possa observar as coisas de dentro. Ele se envolve nas atividades, co-vivência interesses e fatos do grupo investigado, bem como compartilha das atividades, assumindo o papel de integrante para poder atingir o sentido de suas ações. A intenção é fazer com que a própria pesquisa possa contribuir para o equacionamento de problemáticas relacionadas à ampliação da cidadania e à transformação social. As pesquisas criam níveis avançados de envolvimento, e a possível participação dos investigados não se caracteriza somente como ação colaborativa, mas também como participação via questionários, grupos de discussão e entrevistas, etc.

Para Peruzzo (2016), a participação do grupo é importante na interpretação de dados e elaboração das estratégias e planos. Com relação ao retorno dos resultados, ao contrário de outros tipos de pesquisa que em geral se apropriam de dados e de informações, mas não retornam os resultados encontrados aos pesquisados, na pesquisa-ação, assim como na participação observante, o retorno do conhecimento pode acontecer tanto durante o processo de pesquisa como no fim da mesma. No decorrer da pesquisa geralmente são realizados

fóruns e seminários para apresentação e discussão de resultados parciais e assim, podem ser democratizados os resultados, pois os passos delineados possibilitam a participação na discussão de “achados”. O relatório final deve ser entregue também ao grupo pesquisado e não somente aos promotores da investigação ou às finalidades acadêmicas.

Estive como pesquisadora, dentro do grupo digital de mulheres, na realização da observação, de forma *online*, de maio de 2020 a agosto de 2021, totalizando 15 meses. Como houve hibridismo nas metodologias, não aconteceu a pesquisa participante em todas as suas etapas, ocorreu apenas a observação participante e as etapas concretizadas foram:

1. Montagem institucional e metodológica da pesquisa participante
2. Estudo preliminar da população envolvida

Houve o estudo exploratório para o reconhecimento da situação a ser investigada. É uma forma de conhecer as configurações locais ou do grupo, características culturais e étnicas; estrutura de classes; nível de organização. Por intermédio de visitas ao ambiente digital, houve a recolha e o estudo prévio de documentos; o estabelecimento de contato e de conversas com lideranças. Trata-se de uma fase importante da pesquisa, pois é uma forma de se adentrar no ambiente investigado, recolhendo informações importantes e tendo maior conhecimento do contexto em que a pesquisa se realiza.

As técnicas da pesquisa participante são a observação direta e os instrumentos de registros como o diário de campo. Eventualmente é usado o registro de depoimentos e acontecimentos em sons e imagens (fotos, áudios e vídeos), com descrição e parcialidade, como forma de registro fiel para a sistematização e análises posteriores, além de ser uma forma de documentação para produção de algum material futuro ou uso da própria “comunidade” analisada.

Paralelo a isso, outras técnicas podem ser utilizadas diante das complexidades de cada pesquisa, como o estudo de documentos (atas, relatórios, projetos, contratos, leis, registros fotográficos e audiovisuais), o estudo de conteúdo de materiais difundidos pelos meios comunitários de comunicação e a estruturação da entrevista que, no nosso caso, não foi concluída, mas as temáticas usadas para a mesma foram reaproveitadas para a estruturação do temas da análise de conteúdo que serão abordados a seguir.

De todo modo, enquanto pesquisadora, guardei variados relatos no meu diário de campo, para ampliação do entendimento dos fenômenos.

5.3 ANÁLISE DE CONTEÚDO

A análise de conteúdo é compreendida como um conjunto de técnicas de pesquisa cujo objetivo é a busca do sentido ou dos sentidos de um documento. É uma metodologia utilizada nos estudos de conteúdo em Comunicação que parte de uma perspectiva quantitativa, analisando numericamente a frequência de ocorrência de determinados termos, construções e referências em um dado texto. Existe também a abordagem qualitativa, porém, não será utilizada nesta pesquisa. De acordo com Bardin, a análise de conteúdo, designa

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 2011, p. 47)

Bardin indica que a utilização da análise de conteúdo prevê três fases fundamentais: pré-análise (exploração do material e tratamento dos resultados), inferência e interpretação. A primeira fase pode ser identificada como a fase de organização. Nela estabelece-se um esquema de trabalho que deve ser preciso, com procedimentos bem definidos, embora flexíveis. Segundo a autora, envolve a leitura “flutuante”, ou seja, um primeiro contato com os documentos que serão submetidos à análise, a escolha deles, a formulação das hipóteses e objetivos, a elaboração dos indicadores que orientarão a interpretação e a preparação formal do material. Assim, inicia-se o trabalho escolhendo os documentos a serem analisados.

A fonte de análise para o teste empírico foi o grupo no Telegram do Tear dos Sonhos Brasil, cujo nome é Biblioteca Raíz de Luz, denominado internamente pelas integrantes de Biblioteca.

É importante pontuar que a comunicação no Telegram é autogerida pelas mulheres que participam do movimento e que são responsáveis pela comunicação, ou seja, são as mulheres dos elementos terra, água e éter. As mulheres que estão nos elementos fogo e vento participam apenas de seus micro grupos e não participam desse grupo da biblioteca. Segundo a estrutura do tear isso se justifica pela importância destas entenderem no campo prático e interno o que o Tear representa para elas de forma autêntica e verdadeira, ou seja, a narrativa do movimento justifica que as mesmas precisam estruturar argumentos pelo o que elas sentem e vivem em seus microgrupos, não sendo interferidas por argumentos prontos e pelo volume informacional da biblioteca. Sendo assim, a responsabilidade da comunicação concentra-se

principalmente na integrante que vivencia o elemento terra e é também compartilhada com a que está em água e as mulheres que estão no elemento éter.

Um outro detalhe observado é o estímulo das participantes na utilização do recurso de pesquisa e filtragem por tema dos conteúdos já postados, já que o Telegram possui o recurso de materiais salvos em nuvem. Essa pesquisa analisou somente novos conteúdos postados nas datas referidas. Dessa forma, não é possível saber quais conteúdos foram novamente recorridos e pesquisados através dos filtros neste período.

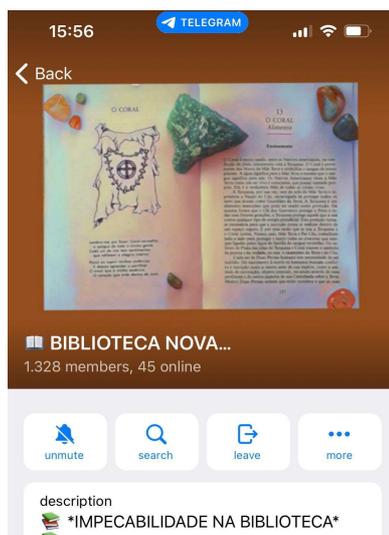
A comunicação do Tear é realizada de forma autônoma e colaborativa pelas mulheres presentes. A comunicação que ocorre no grupo oficial é a base e o norteamento para a comunicação nos microgrupos, sendo assim, cabe a cada mandala uma comunicação que siga as diretrizes postadas no grupo geral somadas com a liberdade para as suas particularidades, não cabendo a essa pesquisa levantar e analisar o que é feito em cada micro grupo.

5.3.1 Análise temática categorial e quantitativa: organização da análise, codificação, categorização e dedução

Como recorte de tempo para a recolha dos dados da pesquisa, foi delimitado o período de um mês de comunicação do Tear dos Sonhos no grupo do Telegram para fazer o teste empírico e avaliar a presença da afetividade. Em 28 dias o ciclo lunar é completado, tempo colocado pelo movimento como o suficiente para uma mandala concretizar o sonho de uma mulher. Sendo assim, 30 dias demarca o tempo no qual deveria conter as narrativas suficientes de início, meio e fim para a análise do objeto.

Nessa etapa, é preciso obedecer às regras de exaustividade (deve-se esgotar a totalidade da comunicação, não omitir nada); representatividade (a amostra deve representar o universo); homogeneidade (os dados devem referir-se ao mesmo tema, serem obtidos por técnicas iguais e colhidos por indivíduos semelhantes); pertinência (os documentos precisam adaptar-se ao conteúdo e objetivo da pesquisa) e exclusividade (um elemento não deve ser classificado em mais de uma categoria).

Figura 10 - Identificação da Biblioteca Nova Raiz de Luz no Telegram



Fonte: FERNANDES [Página de descrição]. Telegram [Biblioteca Raiz de Luz]. 27 jul. 2022. 19:31

O aplicativo Telegram é a mídia social utilizada como meio de comunicação do grupo e, além disso, funciona como acervo de documentos para a consulta das participantes, contando com recursos diversos de conteúdo e formato de arquivo: textos, vídeos, áudios, imagens, materiais em pdf, todos com armazenamento na nuvem. Sendo assim, os materiais podem ser consultados por tema na lupa de pesquisa, já que o recurso filtra exatamente o período marcado e sobe em rolagem automática para a data desejada.

Figura 11 - Identificação da lupa de pesquisa



Fonte: FERNANDES [Recorte Tempo]. Telegram [Biblioteca Raiz de Luz]. 27 jul. 2022. 19:32

Figura 12 - Identificação da Biblioteca Nova Raiz de Luz no Telegram. Início da análise



Fonte: FERNANDES [Giro nas mandalas]. Telegram [Biblioteca Raiz de Luz]. 27 jul. 2022 19:33

Efetuiu-se uma leitura flutuante da mídia social nesse recorte temporal, bem como toda a pré-análise e a exploração do material. Em seguida, iniciou-se a categorização, ou seja, a determinação de categorias que surgiram da hipótese e do embasamento teórico dado por Maffesoli (2014) sobre a significação de afetividade, e levantados os indicadores capazes de simbolizar o afeto. A organização das categorias em temas é denominada por Bardin (2011) de unidades de registro e leva em consideração as unidades de contexto (postagem, parágrafos, frase) que devem seguir as condições de pertinência e de custo. As categorias de 1 a 9 são os temas interpretados para a definição de afetividade (MAFFESOLI, 2014), enquanto a categoria 10, denominada Outros, representa a não presença de afetividade, segundo a significação estabelecida.

Quadro 1 - Listagem de categorias a partir da interpretação de afetividade

CATEGORIAS POR TEMA - SIGNIFICAÇÃO BASEADA NA AFETIVIDADE
1) A valorização ao momento presente
2) Sentimento de Nós e Pertença
3) A inteireza do ser
4) Consciência da interdependência das relações
5) Prazer, Papel Cardeal e festividade

6) Conexão com a natureza, instintividade e sensibilidade ecológica
7) Razão sensível, intuição razoável e o pensar com o coração
8) Participação mágica e mística, atmosfera energética, espiritual e artística
9) Herança e histórias ancestrais, formas de organização arcaicas e tribais
10) Outros

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Após isso, foram realizadas as regras de enumeração, sendo necessário fazer a distinção entre a unidade de registro, o que se conta, e a regra de enumeração, o modo de contagem, de acordo com o método de Bardin (2011, p. 108).

Quadro 2 - Unidades de registro e regras de enumeração para teste empírico

<ul style="list-style-type: none"> a) A valorização ao momento presente b) Sentimento de Nós e Pertença c) Inteira do ser d) Consciência da interdependência das relações e) Prazer, Papel Cardeal e festividade f) Conexão com a natureza, instintividade e sensibilidade ecológica. g) Razão sensível, intuição razoável e o pensar com o coração. h) Participação mágica e mística, atmosfera energética, espiritual e artística i) Herança e histórias ancestrais, formas de organização arcaicas e tribais j) Outros

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Utilizou-se a contagem por frequência de aparição por ser a medida mais usada e porque segue uma lógica mais clara, em que uma unidade de registro aumenta com a frequência de aparição. A regularidade quantitativa de aparição é o que se considera como mais significativo, segundo Bardin (2011). Ao falar sobre as análises quantitativa e qualitativa, a autora aponta que a abordagem quantitativa se funda na frequência de aparição de certos elementos na mensagem. Assim, a abordagem quantitativa e a qualitativa não

possuem o mesmo campo de ação, pois a primeira obtém dados descritivos, através de um método estatístico. Graças a um desconto sistemático, esta análise é mais objetiva, mais fiel e mais exata, visto que a observação é melhor controlada (BARDIN, 2011).

Na fase de categorização houve a exploração do material e foram selecionadas as unidades de codificação, adotando-se os procedimentos que compreendem a escolha de unidades de registro – recorte; seleção de regras de contagem – enumeração; escolha de categorias – classificação; agregação – classes. Esse procedimento reúne um grupo de elementos (unidades de registro) em razão de características comuns. A descrição de cada categoria para a ampliação do entendimento foi realizada no capítulo anterior.

A tabela representa a contagem da ocorrência no período de 30 dias, cujo início se deu em 15 de julho de 2021 e terminou em 13 de agosto de 2021. A contagem realizada no grupo do Telegram se deu por postagens em diversos formatos: texto, imagem, áudios, vídeos e figurinhas com mensagens significativas. Trata-se de um espaço autogerido e autônomo, onde cada integrante pode livremente produzir conteúdos e postar no canal, desde que não faça nada contra a conduta ética interna diante dos olhares das telarinas, as participantes mais antigas que estão nos cuidados organizacionais da ferramenta. Foram extraídos alguns trechos das postagens para que se possa demonstrar a categorização efetuada, conforme imagem abaixo:

Figura 13 - Categoria E



Ontem foi quarta-feira, dia de festa!
Dia oficial do giro nas mandalas!

Fonte: FERNANDES [Giro nas mandalas]. Telegram [Biblioteca Raiz de Luz]. 27 jul. 2022 19:35

Essa postagem se enquadra na Categoria E (Prazer, Papel Cardeal e festividade), pois a quarta-feira é o dia da semana destinado à celebração, ao dia de festa, de giro da mandala, de alguma ação que lembra o ato de se festejar nas mandalas. Variadas formas de comemoração podiam ser feitas, conforme imagem a seguir:

Figura 14 - Categoria J

Boa tarde amadas! Há alguma
definição para usarmos o AHO ou o
significado?  1 13:05

Fonte: FERNANDES [Significado Aho]. Telegram [Biblioteca Raiz de Luz]. 27 jul. 2022 19:35

Essa postagem se enquadra na Categoria J (Outros), subcategorizada em comunicação interna. AHO simboliza um termo presente na linguagem identitária do movimento.

Figura 15 - Categoria E



Fonte: FERNANDES [Coco do Tear]. Telegram [Biblioteca Raiz de Luz]. 27 jul. 2022 19:36

Esse áudio reproduz uma música tocada e cantada por uma participante no ritmo musical coco, com uma letra específica criada especificamente para o Tear. A mensagem possui abordagem de animação e celebração. Mesmo carregando a parte artística, o que sobressai na mensagem da letra da música é o caráter da festividade, sendo classificada na Categoria E (Prazer, Papel Cardeal e festividade).

Figura 16 - Categoria H

Bem vindas!

Um dos presentes da nossa linhagem Raiz de Luz, é a utilização da ferramenta do Sincronário das 13 Luas, que vem a ser um estudo e vivência, apresentando, mostrando e ancorando todas nós no Tempo Natural, sintonizando a paz, a arte, a harmonia e a beleza.

É um estudo da Lei do Tempo que considera o giro da terra em torno do sol e da lua em torno da terra. Diferente do calendário que usamos, o calendário Gregoriano, que não considera a lua e é artificial, sem regularidade nos meses, as contas não batem, 30 dias, 31 dias.... Já com a matriz lunar são 13 luas de 28 dias sempre. É um movimento cíclico. 13 luas como se fossem 13 meses.

A terra faz um giro em torno dela mesma- 1 dia

Fonte: FERNANDES [Sincronário]. Telegram [Biblioteca Raiz de Luz]. 27 jul. 2022 19:37

A imagem acima se refere a uma das teorias difundidas em diversas postagens do Tear, o Sincronário de 13 Luas, que funciona como uma espécie de calendário que acompanha os ciclos naturais do tempo. A lógica seguida é que se o planeta percorre o trajeto em 365 dias, a lua orbita exatamente 13 vezes ao redor da terra, por isso é chamado de sincronário. Semelhante ao calendário gregoriano, o Sincronário de 13 Luas utiliza a mesma divisão de dias, semanas, meses e anos, porém, possui como norteamento os ciclos lunares. Ao invés dos meses possuírem 30 ou 31 dias, cada lua no sincronário substitui o conceito de mês do calendário. É uma ferramenta de orientação pessoal através de mensagens sobre a atmosfera energética dos ciclos. Por isso, essa temática enquadra-se na Categoria H (Participação mágica e mística, atmosfera energética, espiritual e artística).

Figura 17 - Categoria F



Fonte: FERNANDES [Imagem de Natureza]. Telegram [Biblioteca Raiz de Luz]. 27 jul. 2022 19:37

A imagem acima corresponde à Categoria F (Conexão com a natureza, instintividade e sensibilidade ecológica). O conteúdo imagético esboça a ideia da espiral e da harmonia com a natureza, aliás, umas das frentes instigadas pelo movimento é a da vida em conexão com a natureza e o entendimento de que cada elemento natural pode trazer para a vida prática.

Figura 18 - Categoria H

Antiga Oração Hebraica

Que o teu despertar te desperte.
E que quando acordas, o dia que
começa te excite.
E que os raios de sol que se filtram
pela janela a cada novo amanhecer
nunca se tornem rotina.
E que tenhas a lucidez para
concentrar e resgatar o que há de
mais positivo em cada pessoa que
cruza o teu caminho.
E não te esqueças de saborear a
comida, mesmo que seja apenas
pão e água.
E encontrar algum momento do dia
mesmo que curto e breve, para
erguer o olhar e agradecer o
milagre da saúde, esse mistério e
fantástico equilíbrio interno.
E que consigas expressar o amor
que sente aos outros.
E que os teus abraços, abracem.
E que os teus beijos, beijem.
E que o pôr do sol nunca deixe de
te surpreender, e que nunca deixes
de te surpreender contigo.

Fonte: FERNANDES [Oração Hebraica]. Telegram [Biblioteca Raiz de Luz]. 27 jul. 2022 19:38

A oração acima se enquadra na Categoria H (Participação mágica e mística, atmosfera energética, espiritual e artística). Observou-se uma característica comum nos diálogos do Tear, os conteúdos politeístas, que denotam, em geral, aspectos de conexão, motivação e agradecimento. A teoria quântica, por exemplo, era uma ideia muito presente nesses diálogos.

Figura 19 - Categoria I



Fonte: FERNANDES [Zoom de saberes]. Telegram [Biblioteca Raiz de Luz]. 27 jul. 2022 19:38

O conteúdo da figura acima se refere a uma reunião *online* com uma participante indígena que abordou aspectos de organização da aldeia, representando, assim, a Categoria I (Herança e histórias ancestrais, formas de organização arcaicas e tribais). Apesar do termo magia, o assunto central foi a forma de organização tribal da aldeia e a captação de referências dos povos originários.

Figura 20 - Categoria A

A hora de plantar é ***HOJE***, não
amanhã e depois, mas aqui e
agora!

Fonte: FERNANDES [Aqui e agora]. Telegram [Biblioteca Raiz de Luz] 27 jul. 2022 19:39

A postagem da figura acima se enquadra na Categoria A (Valorização ao momento presente), aspecto tratado com ênfase no Tear. A abordagem que o sonho deveria ser urgente era frequente e havia uma crítica ao ato de procrastinação. Ao mesmo tempo era pontuado que o desfrute da vida deveria ser pautado no agora e não mais deixado para depois, o que deveria provocar maior foco e concentração nos objetivos.

Figura 21 - Categoria C

Ao dançar com ALMA, a sua VIDA
se torna fluxo de um rio SAGRADO.

Nada te para e você tem as redes
da decida dessas águas. Desvia
com sabedoria dos obstáculos e se
permite contornar as curvas,
ampliando sua capacidade de
encontrar outras águas.

Assim é o TEAR juntas.

Para isso, estar casada
internamente é essencial.

Fonte: FERNANDES [Casa consigo]. Telegram [Biblioteca Raiz de Luz]. 27 jul. 2022 19:40

A Categoria C (Inteireza do ser) era levantada como fator fundamental para o tecimento coletivo de sonhos. Postagens como essa influenciam o fortalecimento individual e o centramento em si, haja vista que estar casada consigo, dançar com sua alma, nadar para si mesma, são expressões que representam a temática.

Figura 22 - Categoria G



Chamado do corAção.
Con-fiar.
Agir.

ManifestAção.
CocriAção.

Fonte: FERNANDES [Chamado do Coração]. Telegram [Biblioteca Raiz de Luz]. 27 jul. 2022 19:41

O conteúdo do áudio, classificado na Categoria G (Razão sensível, intuição razoável e o pensar com o coração) possui como mensagem principal, a atenção que deve ser dada ao que o coração fala, sendo este o órgão que pulsa e gera força para a ação. O estímulo ao sentir é um traço característico do Tear dos Sonhos, desde a primeira reunião. Quando uma mulher é

convidada para participar, fala-se sobre a necessidade de equilibrar razão e emoção para o ingresso na jornada, na qual as participantes que já estão, afirmam que para dizer sim ao Tear, é preciso ouvir o coração, sem negar a razão, mas sim, encontrar um equilíbrio supostamente intuitivo.

Figura 23 - Categoria B

"Demorei muito para entender o que significa, de fato, tecer o sonho das Águas.

Quando entramos no tear, entramos DOANDO. Entretanto, se não tomarmos cuidado, rapidamente retornamos ao universo auto-centrado de fora do Tear e passamos a pensar apenas no "nosso processo", no "nosso elemento", e nos esquecemos do mais importante:

Nosso sonho em coletivo, que é, literalmente, o sonho das Águas daquele momento!

"Os zooms e os rezos são espaços de comunhão onde a roda como um todo se junta para lançar uma única flecha, guiada pelas Águas, em direção ao sonho de quem está no centro."

Fonte: FERNANDES [Sonho Coletivo]. Telegram [Biblioteca Raiz de Luz]. 27 jul. 2022 19:42

A postagem da figura acima reflete a Categoria B (Sentimento de nós e Pertença) e reforça a importância do sentimento coletivo e da comunhão. O conteúdo estimula a saída do individualismo automático para uma lógica de pensamento que considera a famosa ideia de “um por todos e todos por um”. A postagem reforça também a força do coletivo e a importância da colaboração da pessoa que está no centro no momento de ser amparada.

Figura 24 - Categoria D

Queridas irmãs,

Hoje voltei a dançar.
20 anos depois, voltei a dançar.
Um resgate da criança, da bailarina,
do sonho de voar e de superar os
limites do meu corpo de forma leve
e fluida.

Quero ir além, quero ir fundo, quero
espacates quânticos. Quero
desfrutar de verdade desse corpo
que me foi emprestado. Usar essa
máquina criadora para
principalmente ser feliz, sentir
prazer, amar, dançar, servir e criar



Gratidão às águas.
Gratidão ao tear "despertar" dos
sonhos.
Gratidão a todas vocês.

Fonte: FERNANDES [Águas]. Telegram [Biblioteca Raiz de Luz]. 27 jul. 2022 19:41

Nesta fala, é possível observar o enquadramento da temática na Categoria D (Consciência da interdependência das relações), já que a participante reconhece a importância das companheiras de jornada e da própria comunidade no que diz respeito a um aspecto importante em sua vida, agradecendo publicamente e compartilhando seu relato pessoal.

Figura 25 - Categoria I

Oração após a queima dos medos

Eu queimei o medo de não ser capaz, e deixei ir embora! 🔥🐉

Eu queimei o medo de não ser aceita, e de ser julgada, e deixei ir embora! 🔥🐉

Eu queimei o medo de errar, de falhar, e deixei ir embora! 🔥🐉

Eu queimei o medo de achar que não conseguiria viver sem..., e deixei ir embora! 🔥🐉

Eu queimei o medo de ser responsável por mim mesma, e deixei ir embora! 🔥🐉

Fonte: FERNANDES [Queima de Medos]. Telegram [Biblioteca Raiz de Luz]. 27 jul. 2022 19:40

A postagem da figura acima, enquadrada na Categoria H (Participação mágica e mística, atmosfera energética, espiritual e artística), é exemplo de algum dos rituais em que as participantes estimulam a proximidade com o elemento fogo, e se relaciona com a transmutação do medo e de padrões não desejados.

Figura 26 - Categoria J

Quando você entra aqui, você sabe quanto vai doar, e se você persistir na jornada, passando por todos os elementos, chegando em água, receberá as doações das novas mulheres fogos.

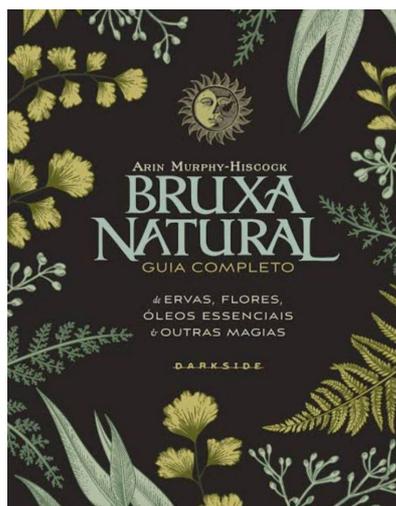
Aqui não prometemos nada! Cada mandala é uma célula viva, independente e autogerável!

O pilar da abundância compartilhada, nos ensina que somos seres abundantes e essa abundância é partilhada através do dinheiro, das reuniões diárias que fazemos, as quais nós aprendemos e nos inspiramos umas nas outras, aqui nós doamos o que temos de mais importante *O NOSSO TEMPO*.

FERNANDES [Alinhamentos internos]. Telegram [Biblioteca Raiz de Luz]. 27 jul. 2022 19:41

A postagem da figura acima se enquadrada em Outros, Categoria J, considerada como comunicação interna das participantes, é um dos conteúdos postados sobre a dinâmica da jornada do fogo à água. Ao mesmo tempo em que se afirma que ao se chegar em água as doações serão recebidas, fala-se também que o movimento não promete nada, fechando o discurso com a ideia da abundância compartilhada e reforçando a necessidade da doação do tempo de cada uma para que possam manter inspirada a rede de mulheres.

Figura 27 - Categoria H



Fonte: FERNANDES [Livro Bruxa Natural]. Telegram [Biblioteca Raiz de Luz]. 27 jul. 2022 19:41

A postagem da figura acima diz respeito ao livro *Bruxa Natural* (MURPHY-HISCOCK, 2021) que apresenta ervas, flores, óleos essenciais e magias para autocuidado, e se enquadra na Categoria H (Participação mágica e mística, atmosfera energética, espiritual e artística). Apesar do contexto natural, o ponto central é a bruxaria natural e os cuidados místicos relacionados aos astros, centros de energia, espaços sagrados, dentre outros.

Figura 28 - Categoria F

O pulso lunar é o tempo natural da lua, a lua tem a energia feminina, representa o Yin 🌙, intuitiva, cíclica, influencia as nossas emoções e nos traz a reconexão com a nossa própria natureza selvagem 🐾

Fonte: FERNANDES [Pulso]. Telegram [Biblioteca Raiz de Luz]. 27 jul. 2022 19:42

A postagem da figura acima se enquadra na Categoria F (Conexão com a natureza, instintividade e sensibilidade ecológica), em que o tempo do ciclo lunar e os aspectos do período se relacionam com a energia do feminino. Esse tema é frisado com constância, e os conteúdos reforçam a importância da mulher estar conectada à lua, ao seu ciclo menstrual, e assim à sua própria natureza. As mulheres denominam como pulso lunar o ciclo ideal e suficiente para atravessar toda a jornada do fogo à água na mandala.

Figura 29 - Categoria B

🔥🌬️🌞💧🐟 seguimos todas
juntas numa imensa espiral elíptica.
Somos muitas mas nos irmanamos
em uma só, infinitamente. Gratidão

Fonte: FERNANDES [Unicidade]. Telegram [Biblioteca Raiz de Luz]. 27 jul. 2022 19:42

A postagem da figura acima se enquadra na Categoria B (Sentimento de Nós e Pertença), pois sentir-se parte de algo e a importância de estar-com reflete o sentimento de unicidade do grupo e o senso de coletivo. A sensação de que estão juntas, uma apoiando a outra, é recordada com constância, afinal, a lógica é que o sonho de uma é o sonho de todas, sendo esse o sentimento para que a colaboração aconteça.

Figura 30 - Categoria F



Fonte: FERNANDES [Conexão com a Natureza]. Telegram [Biblioteca Raiz de Luz]. 27 jul. 2022 19:43

A figura 30 ilustra a imagem de uma mulher em conexão com uma flor, cercada de elementos da natureza, como a terra e o sol. O olho pode ser interpretado como um possível estado de presença ou quem sabe, inteireza. Percebe-se na imagem o predomínio da Categoria F (Conexão com a natureza, instintividade e sensibilidade ecológica). Essa temática também é constantemente dialogada entre as participantes, já que toda a base da jornada proposta está em conexão com as forças da natureza.

Cada postagem foi categorizada de acordo com a ideia central que apresentava. A análise categorial usou o princípio da dedução, ou seja, os agrupamentos foram feitos pelo tema. A seguir tem-se o quadro utilizado no teste empírico. Os temas das letras que vão de A a I representam a ocorrência da afetividade na comunicação, segundo a interpretação de Maffesoli (2014), e a letra J representa a unidade de registro outros e retrata a ocorrência dos demais aspectos na comunicação.

Quadro 3 - Análise de ocorrência da afetividade na comunicação do objeto pesquisado

TEMA / CATEGORIA DESCRITA	FREQUÊNCIA DE OCORRÊNCIA
A. Valorização ao momento presente	14
B. Sentimento de Nós e Pertença: sentir-se parte de algo e a importância de estar-com	17
C. Inteireza do ser: centrado em si, atento ao corpo	14

D. Consciência da interdependência das relações	47
E. Prazer, Papel Cardeal e festividade	11
F. Conexão com a natureza, instintividade e sensibilidade ecológica	31
G. Razão sensível, intuição razoável e o pensar com o coração	12
H. Participação mágica e mística, atmosfera energética, espiritual e artística	34
I. Herança e histórias ancestrais, formas de organização arcaicas e tribais	23
J. Outros	69

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Quadro 4 - Dados sobre frequência de ocorrência e total de postagens analisadas

Total de postagens analisadas	272
Postagens com ocorrência de afetividade	203
Postagens com outros aspectos, sem ocorrência de afetividade	69

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Do total de 272 postagens, 203 representam a afetividade, de acordo com a base teórica de Maffesoli (2014), o que corresponde a 74,35% das postagens. A título de curiosidade, deixa-se listadas as temáticas encontradas na classificação da categoria Outros.

Quadro 5 - Categoria Outros

Temas agrupados da categoria Outros	Frequência de ocorrência - subcategorias de Outros
Organização e comunicação interna	27
Estrutura e descrição do Tear dos Sonhos	14
Nova economia e economia alternativa	13
Legalidade Tear	10
Material antirracismo	1

Material mulher negra latino-americana caribenha	1
Divulgação serviço individual	1
Material direito das mulheres	1
Marcha das Mulheres Indígenas	1

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Durante a interpretação dos dados, a base teórica foi usada atentamente e de forma pertinente à investigação, dando o embasamento e as perspectivas para o estudo. A relação entre os dados obtidos e a fundamentação teórica trouxe sentido à interpretação. Segundo Bardin (2011), a análise de conteúdo é útil para a fase de verificação das hipóteses, e diante dos dados é possível afirmar que a presença da afetividade é relevante na comunicação do grupo no Telegram do Tear dos Sonhos Brasil.

Entende-se, portanto, que a comunicação é um dos alicerces para a continuidade de grupos e, no caso pesquisado, foi verificada a presença da afetividade em mais de 70% dos diálogos realizados, permitindo inferir que o afeto pode, sim, influenciar na sustentação do grupo. Entretanto, aponto que, possivelmente, não é o único fator responsável por manter o funcionamento da comunidade digital.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma das perguntas iniciais desta pesquisa foi a influência do afeto na sustentação dos grupos e das comunidades. Como demonstrado ao longo dos capítulos, os números extraídos da análise de conteúdo apontaram que a afetividade está presente na comunicação do Tear dos Sonhos. Agora, se o fato pode influenciar, contribuindo com o funcionamento e a manutenção do grupo, aponta-se que, aparentemente, sim, porém, destaca-se que não é o único fator responsável.

Comunidade e afetividade são temas complexos e que possuem intersecções. Dessa maneira, reforço a necessidade em se articular tais temas com a comunicação. A comunidade é um atributo visceral presente nos diálogos dos agrupamentos e estes, estruturas inerentes à existência humana. Já o afeto apresenta-se como o sentimento intimamente relacionado ao agir comunicativo. Acrescente-se a isso que o contexto afetivo e o espaço comunitário se misturam e se fundem.

Uma das percepções que tive com a pesquisa foi a de amplificar a compreensão sobre o que a afetividade simboliza no contexto atual, e como ela impacta na vida das pessoas. Ao observar o Tear foi possível mapear um fenômeno coletivo no qual as pessoas conscientemente buscam por união e querem viver o sentido de comunidade, e, inconscientemente ou não, tornam-se envolvidas pelo ambiente afetivo. Exemplificando, a perspectiva levantada por Maffesoli (2014) define como atmosfera afetuosa a prioridade ao prazer, atenção ao momento presente, equilíbrio da razão com o sentir, centramento em si, sentimento de pertença, solidariedade, alegria, interdependência, reconhecimento dos saberes ancestrais e da vida tribal, proximidade da natureza, apoio das forças místicas, energética e espirituais. Ou seja, a construção de laços sociais que ilustram o bem estar, a comunhão e a harmonia, são sentimentos que remetem à sensação de felicidade.

Através da análise dos diálogos observados no Tear, foi constatado que o grupo possui todas as temáticas acima categorizadas, sendo possível perceber igualmente que muitos destes valores propostos pela comunidade digital criam uma atmosfera encantadora e, quem sabe, irresistível e até mesmo empoderante para o crescimento das participantes envolvidas. Porém, essa constatação não aponta para uma percepção positiva do movimento analisado. **Os testemunhos dizem a respeito do que as mulheres esperam, aspiram, desejam e dizem encontrar. Outra coisa é o que a comunidade institucionalmente faz de fato, que não cabe a dissertação apontar.** Pode-se fazer uma analogia com o exemplo da busca por

conforto espiritual em igrejas. Isso independente do fato de uma igreja fazer bom ou mau uso das intenções depositadas.

Foi possível notar, nitidamente, o quanto esses fatores indicativos de afetividade geraram bem-estar nas pessoas, aspectos que elas talvez não estivessem acessando na vida física ou até mesmo no universo digital. Percebeu-se mulheres “esfomeadas” por relações. Seriam elas desejosas por afetividade ou por comunidade? Ou por ambos? Daí, novamente essa reflexão a partir do fechamento deste trabalho: afetividade e comunidade são termos tão próximos que seus significados se misturam ou em determinados contextos representam a mesma coisa?

Foi possível perceber que o dinheiro era, sim, um fator motivacional para a entrada, adesão e permanência no Tear, porém, notou-se que, como tantos fatores que repercutiam bem-estar, a troca de presentes ou a crítica à lógica piramidal deixavam de ser o foco. Muitas estavam ali não somente pelas doações, mas pelos outros benefícios que o espaço trazia. Possivelmente, era o retrato de um sistema carente e de uma sociedade faminta de envolvimento emocional. A comunidade Tear representava para as mulheres envolvidas a base de um panorama que induz ao contentamento, um cenário confortável, ou seja, o fato de estar junto assegurava boas sensações.

Diante deste fato, é importante elucidar o ponto de tensão observado: a sede de afetos também pode sugerir a possibilidade de relações oportunistas, por exemplo. Ou seja, existe a expectativa de tais mulheres, o que elas sonham em ter e isso aliás, tem muito pouco a ver com o Tear dos sonhos. No final, elas buscam encontrar, mas talvez não encontrem, ou busquem realizar-se, mas ocasionalmente isso pode vir a não acontecer concretamente. Assim, o fato das mulheres desejarem tanto viver os seus sonhos, pode também ser usado contra elas.

Visualizou-se alívio por parte das mulheres ao estabelecerem contato com o sentir, ou seja, a possibilidade apresentada de poder viver uma vida mais coerente com o aspecto sentimental, não deixando prevalecer o domínio racional. Foi observado também a necessidade e a satisfação geral ao serem estimuladas a olhar para dentro de si, e assim, se conectarem com os seus desejos mais profundos, firmando propósitos para as suas vidas. É notável a realização que o ato de sonhar trazia para a vida das pessoas envolvidas, o fato de poder ser. Percebeu-se, assim, que estas mulheres transpareciam querer estar livres, livres para serem elas mesmas, para poder olhar a vida em um panorama em que é possível desfrutar uma existência plena. E assim, serem aceitas, incluídas e incorporadas por gente como elas.

Observou-se, igualmente, por parte das participantes, a consciência sobre a necessidade de desconstrução da competição feminina e a demanda em aprender e a cooperar.

Não se abstém aqui, nessas considerações finais, de omitir os relatos negativos e as expectativas frustradas. Novamente friso que não vou entrar no mérito da questão monetária, do presente doado e recebido, e nem do processo desenhado pela ferramenta. O Tear dos Sonhos seria uma rede com proposta ativista ou uma estrutura piramidal disfarçada? Não cabe a essa pesquisa a resposta desta última pergunta. O que se objetiva nesta dissertação é o recorte da presença do afeto na comunicação desta comunidade de mulheres. Portanto, foi possível perceber que as mulheres que não se identificaram ou que se sentiram frustradas com a participação na comunidade, deixaram de fazer parte, ou seja, não pertencem ao grupo em questão. Sendo assim, essa análise cabe apenas às participantes envolvidas, mesmo que de forma temporária no tempo de participação de cada uma, sendo essas, as pessoas que estavam presentes no momento da observação e da análise.

O Tear dos Sonhos é sustentado pelas pessoas que já estão nele e que se sentem imbuídas da ideologia ou dos seus objetivos, juntamente com a entrada de mais pessoas para que os microgrupos sejam sustentados. Os microgrupos claramente dependem da entrada de novas pessoas para a sua continuidade e o cumprimento da realização constante dos sonhos das mulheres envolvidas.

De acordo com a observação participante e a base teórica desta pesquisa, utilizada para pensar sobre a problemática levantada, para pensar a relação de preservação e a continuidade dos grupos, nota-se no caso do Tear dos Sonhos, que existem dois cenários diferentes que convergem entre si.

Primeiramente, existe o cenário da continuidade das participantes. Percebeu-se que as mulheres entram na comunidade, vivenciam e encerram o ciclo participando de todos os elementos, ou encerram a participação quando decidem livremente interromper o processo por motivos particulares. Existem também participantes ativas que já fizeram várias vezes a jornada e estão presentes desde o início da comunidade digital no Brasil. Aqui, observa-se a permanência ou a não permanência das participantes. Nesse caso, vejo que se trata da ótica de olhar a comunidade pelo âmbito das relações, conforme Maffesoli (2014) define os elos sociais. Neste aspecto, nota-se uma característica da efemeridade, afinal, simbolizam os laços humanos construídos e que se esvaem a todo momento.

O segundo cenário é o da continuidade da comunidade virtual que depende da existência de participantes ativas que façam o movimento girar e os microgrupos acontecerem, independente da rotatividade das integrantes. Já neste caso, é possível retratar a

comunidade enquanto conceito de rede, na definição de Castells (2003), que diz respeito à manutenção da estrutura e do seu caráter comunitário, ou seja, o propósito que o grupo estabelece. Para o autor, este conjunto de nós seriam as pessoas comunicando-se e estabelecendo conexão, sendo através dessa interligação, provocada pelos meios de comunicação, a forma organizativa de nossa sociedade.

Os dois cenários são visões distintas e complementares que se relacionam na manutenção da vivência comunitária ou grupal, ambos em constante transformação.

Com o recurso da observação participante foi possível apontar que existem outras variáveis que interferem na continuidade do grupo em questão e que independem da afetividade, tais como: a) valor estabelecido para a participação, ou seja, a quantia em reais dentro do contexto socioeconômico e cultural do país; b) disponibilidade de presença da participante; c) tempo disponível para a permanência da participante; d) expectativa com o tempo de conclusão da jornada, desde quando se aceita o convite versus o tempo de estadia real no percurso desenhado pela ferramenta; e) complexidade das relações estabelecidas nos microgrupos e na linhagem Raíz de Luz do Tear; f) entendimento particular e individual da lógica piramidal versus a ciclicidade exponencial; g) influência dos aspectos culturais na compreensão da ferramenta, variando conforme o país em questão; h) o não entendimento sobre o termo doação; i) a polemicidade da ferramenta e a desconfiança gerada; j) identificação da participante com a linguagem e a identidade do grupo.

Essas variáveis são alguns dos exemplos observados de possíveis influências na participação das integrantes na comunidade digital, além da afetividade. Ressalte-se que é possível continuar essa análise para a investigação de outras questões, mas que não cabem a essa dissertação abordar. O que se pode constatar é que se registram 6 anos da existência da comunidade Tear dos Sonhos no Brasil e que a afetividade presente em sua comunicação parece ser um fator determinante e que tal verificação não garante a veracidade das expectativas geradas pelo movimento.

Foi fundamental para o processo de pesquisa articular metodologias e o ancoramento na base teórica de afeto. A observação participante gerou envolvimento e ampliou o entendimento prático de como a ferramenta afetava a vida das pessoas. O embasamento teórico possibilitou o mapeamento do que se buscava investigar e a análise de conteúdo com base quantitativa permitiu uma análise mais criteriosa e fundamentada. Como a presença do fenômeno afetivo estava claramente descrito nos diálogos, a metodologia foi satisfatória para a checagem dos dados.

Este trabalho se propôs, enfim, a fazer um breve mapeamento do panorama atual sobre as estruturas grupais e comunitárias, levantando as significações sobre comunidade ao longo do tempo até chegar ao momento atual. O intuito foi levantar possíveis elucidações que possam contribuir no entendimento da ação comunicativa no que diz respeito à consistência e à condução de grupos. No entanto, não foi possível tangibilizar com precisão o que para além do afeto, de fato, faz as comunidades e grupos manterem a constância. Por isso, é preciso deixar claro que esse não foi o objetivo desta pesquisa, apesar da problemática ter sido levantada.

Com modéstia, essa pesquisa entende que as percepções são diversas e que tudo está em constante transformação, sendo assim, visou-se contribuir apenas com algumas considerações na esperança que novas pesquisas possam surgir. Sendo assim, algumas perguntas podem ser lançadas para os próximos estudos: em uma comunidade pode haver presença ou não de afeto ou sempre o afeto estará presente?; de qual comunidade se fala: de qualquer agrupamento que possui algo em comum ou de uma estrutura coletiva que possui o sentimento comunitário?; estes elementos diferem realmente?; os grupos podem não possuir sentimento comunitário?; o que mais seria acoplado na definição desse afeto?; quais desses indicadores de afetividade são os mais importantes para caracterizar uma estrutura afetuosa e/ou comunitária?; quais não são relevantes?

Concluindo, espero que este estudo possa gerar curiosidade e questionamentos sobre os formatos como nos organizamos e nos comunicamos.

REFERÊNCIAS

- ARTIGO 538.** Artigo 538 da Lei nº 10.406 de 10 de Janeiro de 2002. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10698708/artigo-538-da-lei-n-10406-de-10-de-janeiro-d-e-2002>. Acesso em: 29 ago. 2017.
- BAPTISTA, M. L. C. Comunicação, amorosidade e autopoiese. In: **Anais do IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom**, Porto Alegre, 30 ago. 2004. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/142120151171703635339999300420813463589.pdf>. Acesso em: 5 nov. 2020.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70 - Persona, 2011.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BAUMAN, Z. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- CAFÉ DA MANHÃ.** Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/6WRTzGhq3uFxmrxHrHh1lo>. Acesso em: 26 ago. 2022.
- CASTELLS, M. **Sociedade em rede**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.
- CCB. **Código Civil Brasileiro**. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70327/C%C3%B3digo%20Civil%20%20ed.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2020.
- CNDL. **Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas**. Disponível em: <https://site.cndl.org.br/economia-compartilhada-deixa-89-de-seus-usuarios-satisfeitos-revela-estudo-da-cndlspc-brasil-2>. Acesso em: 29 ago. 2018.
- COHEN, A. P. **The symbolic construction of community**. London: Tavistock, 1985.
- CPT. **Cooperativa Paulista de Teatro**. Disponível em: <https://www.cooperativadeteatro.com.br/cpt>. Acesso em: 29 ago. 2022.
- DEETZ, Stanley. Comunicação organizacional: fundamentos e desafios. In: MARCHIORI, Marlene (org.). **Comunicação e organização: reflexões, processos e práticas**. São Caetano do Sul: Difusão Editora, 2010.
- DAWSON, J. **Ecovillages: new frontiers for sustainability**. Green Books, 2015.
- FELICE, M. D. **Net-ativismo**. Juiz de Fora: Paulus, 2017.
- FOLHA SP. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/>. Acesso em: 27 ago. 2022.
- FOTOPOULOS, T. Is the econ-village movement a solution or part of the problem? **The International Journal of Inclusive Democracy**. Londres, v. 2, n. 3, jun. 2006. Disponível em: <https://www.inclusivedemocracy.org/>. Acesso em: 13 nov. 2020.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- FUSER, B. Ação cultural e cidadania: uma experiência com jovens em Juiz de Fora. **Anais do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/index.htm>. Acesso em: 29 set. 2020.

- GEN. **Global Ecovillage Network**. Disponível em: <https://ecovillage.org>. Acesso em: 27 ago. 2022.
- HANDY, C. **Deuses da administração**. São Paulo, Saraiva, 2012.
- HARARI, Y. **Sapiens**. Rio de Janeiro: L&PM, 2016.
- JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.
- JORGE, D.; BARROS, A. **Métodos e técnicas em pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.
- LÉVY, P. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo: Loyola, 2003.
- MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2010.
- MAFFESOLI, M. **Homo eroticus: comunhões emocionais**. Rio de Janeiro: Forense, 2014.
- McMILLAN; CHAVIS. Sense of community: a definition and theory. **Journal of Community Psychology**, v. 14, jan. 1986.
- McLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix: 2001.
- GILMAN, R. The eco-village challenge. In: **Living Together**, 1991. Disponível em: <https://www.context.org>. Acesso em: 29 jun. 2022.
- MDS. **Ministério do Desenvolvimento Social**. Disponível em: <http://mds.gov.br/assuntos/seguranca-alimentar/direito-a-alimentacao/povos-e-comunidades-tradicicionais>. Acesso em: 29 jun. 2022.
- MICHAELIS. Dicionário. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>. Acesso em: 29 jun. 2022.
- NATURA. Disponível em: <http://cocriando.natura.net/cs/cocriando/homecocriando>. Acesso em: 29 jun. 2022.
- OCB. **Organização das Cooperativas Brasileiras**. Disponível em: <https://www.ocb.org.br/>. Acesso em: 29 ago 2022.
- OLDENBURG, Ray. The great good place. In: HAMMAN, Robin. Introduction to virtual communities. **Research and Cybersociology Magazine Issue Two**, 1998. Disponível em: <http://members.aol.com/Cybersoc/is2intro.html>. Acesso em: 29 jun. 2022.
- PERUZZO, Cicilia M. Krohling; VOLPATO, Marcelo de Oliveira Volpato. Conceitos de comunidade, local e região. **Líbero**, São Paulo, v. 12, n. 24, p. 139-152, dez. 2009. Disponível em: <https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/05/Conceitos-de-comunidade-local-e-regi%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2022.
- PERUZZO, Cicilia. M. Krohling. Direito à comunicação comunitária. **Lumina**, Juiz de Fora, v. 1, n. 1, p. 1-29, jun. 2007.
- PERUZZO, Cicilia. M. Krohling. Epistemologia e método da pesquisa-ação. Uma aproximação aos movimentos sociais e à comunicação. **Anais do XXV Encontro Anual da Compós**, Goiânia, 07-10 jun. 2016. Disponível em: http://www.compos.org.br/biblioteca/epistemologiaem%C3%A9tododapesquisa-a%C3%A7%C3%A3o.ciciliaperuzzo.modelocompos2016_3270.pdf. Acesso em: 07 nov. 2020.

- PERUZZO, Cicilia. M. Krohling. Pressupostos epistemológicos e metodológicos da pesquisa participativa: da observação participante à pesquisa-ação. **Estudios sobre las Culturas Contemporáneas**, Ciudad de México, v. XXIII, n. supl. 3, ago. 2017.
- PERUZZO, Cicilia. M. Krohling. Possibilidades, realidade e desafios. **Matrizes**, São Paulo, n. 12, p. 77-100, 26 dez. 2018.
- PNUD. **Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento**. Disponível em: <https://www.undp.org/pt/brazil>. Acesso em: 29 set. 2020.
- RECUERO, R. D. C. Comunidades virtuais - uma abordagem teórica. **Anais do V Seminário Internacional de Comunicação**, Porto Alegre, 2001. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/recuero-raquel-comunidades-virtuais.html#foot1145>. Acesso em: 06 nov. 2020.
- ROSENBERG, M. **Comunicação não violenta**. São Paulo: Agora, 2021.
- SALES, João Eder. **Cooperativismo: origens e evolução**. Disponível em: <https://www.bibliotecaagptea.org.br/administracao/cooperativismo/artigos/COOPERATIVISMO%20ORIGENS%20E%20EVOLUCAO.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2022.
- SARASON, S. **The psychological sense of community: prospects for a community psychology**. San Francisco: Jossey-Bass, 1974.
- SERPA, Maria Clara. **Mandala da Prosperidade é golpe financeiro disfarçado de grupo feminista**. Disponível em: <https://claudia.abril.com.br/sua-vida/mandala-da-prosperidade-e-golpe-financeiro-disfarçado-de-grupo-feminista/>. Acesso em: 12 abr. 2022.
- SILVA, R. C. D.; SIMON, C. P. Sobre a diversidade de sentidos de comunidade. **Psico**, Porto Alegre, v. 36, n. 1, p. 39-46, jan.-abr. 2005.
- SIMMEL, G. **Questões fundamentais da sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- SOMÉ, S. **O espírito da intimidade**. São Paulo: Odysseus 2009.
- STANGL, A. Marshall McLuhan e o pós-humanismo. In: FELICE, M. D.; PIREDDU, M. **Pós-humanismo: as relações entre o humano e a técnica na época das redes**. São Caetano do Sul: Difusão, 2010.
- TEAR DOS SONHOS. Disponível em: <https://teardossonhos.com/>. Acesso em: 29 jun. 2022.
- THOMPSON, E. **A formação da classe operária inglesa**. A maldição de Adão. Volume II. São Paulo: Paz e Terra, 1987.
- TÖTO, Pertti. Ferdinand Töniés, um racionalista romântico. In: MIRANDA, Orlando. **Para ler Ferdinand Töniés**. São Paulo: Edusp, 1995.
- WEBER, M. **Ensaio de sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.
- WEBER, M. **Conceitos básicos de sociologia**. São Paulo: Moraes, 1987.
- WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2005.
- WILLIAMS, R. **Cultura e materialismo**. Bauru: Editora Unesp, 2011.